



Olivia Alonso **Criando riqueza**

Um guia prático de investimentos e finanças pessoais para leigos



Criando riqueza

Criando riqueza

Um guia prático de investimentos
e finanças pessoais para leigos

Olivia Alonso

EMPIRICUS

© Criando Riqueza, 2016

Todos os direitos reservados

Colaboradores

André Zara, Beatriz Cutait, Bruna Bessi, Guilherme Dias,
Renato Torelli, Rodolfo Amstalden, Walter Poladian

Preparação e revisão

Frederico Rosas, Mahana Cassiavillani, Renato Torelli

Projeto gráfico

Thiago Lacaz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alonso, Olivia

Criando riqueza: um guia prático de investimentos
e finanças pessoais para leigos: Olivia Alonso
São Paulo: Empiricus, 2016

ISBN 978-85-92581-00-8

1. Finanças pessoais 2. Finanças pessoais – Guias
3. Investimentos 1. Título

16-02576

CDD-332.024

Índices para catálogo sistemático:

1. Finanças pessoais: Economia 332.024

Empiricus Research

rua Joaquim Floriano, 913

Itaim Bibi, São Paulo, SP

tel: (11) 3900-2850

criando.riqueza@empiricus.com.br

criandoriqueza.com.br

*Dedico este livro à minha avó Julieta,
de quem sinto saudade todos os dias.*

Sumário

Agradecimentos 9

Introdução 11

1. Método CR para uma vida financeira saudável 17
2. Domínio financeiro: é preciso adestrar a si mesmo 21
3. Rotina financeira: enriquecer exige uma planilha 29
4. Endividamento saudável: quando é bom ter dívidas 41
5. Colchão de liquidez: primeiro passo para uma vida tranquila 49
6. Oportunidades financeiras: prepare-se para multiplicar seu patrimônio 55
7. Complexidade dos investimentos: de 0 a 10 57
8. Como comprar dólar 65
9. Introdução a algumas formas de avaliar uma ação 73
10. Como investir para o futuro dos filhos 77
11. Passo a passo para investir no Tesouro Direto 83
12. As perguntas que você deve fazer no banco 91
13. Contas simples e rápidas para o dia a dia 99
14. Invista o tempo todo 103
15. Renda extra: algumas inspirações para ganhar mais 111
16. O Imposto de Renda dos investimentos 121
17. Conceitos básicos de economia e investimentos 131

Referências bibliográficas 143

Agradecimentos

Agradeço aos meus colegas de trabalho, que foram imprescindíveis para que este livro existisse.

Agradeço sobretudo à Bruna Bessi, à Beatriz Cutait, à Helena de Guide, ao Rodolfo Amstalden, ao Guilherme Dias, ao André Zara e ao Walter Poladian, que me emprestaram seus conhecimentos em discussões importantes para a elaboração deste trabalho.

Agradeço também à Priscila Vieira, à Mahana Cassiavillani, ao Renato Torelli e ao Frederico Rosas, que me incentivaram e me ajudaram nas etapas de conclusão do livro.

Agradeço aos meus pais, que sempre me inspiraram e me apoiaram.

Agradeço de forma especial ao meu marido, Felipe Sabino, que está ao meu lado todos os dias como uma fonte de amor, de paciência, de apoio e de incentivo.

Introdução

Você se considera uma pessoa livre? Como é o seu dia a dia? Você já imaginou se pudesse fazer absolutamente tudo o que quisesse? Quero dizer, se não tivesse restrições financeiras para isso? Imagine não precisar mais trabalhar e ter recursos para realizar todas as suas vontades... Se isso fosse realidade, o que você faria?

Muitas pessoas não pensam nessa resposta com seriedade. Quando jogam na loteria, apenas sonham com itens de luxo e viagens por algumas horas, até que saia o resultado. “Se eu ganhar na Mega-Sena, comprarei um apartamento grande e completo, farei aquela viagem incrível, comprarei o carro de meus sonhos...”

Mas o que você faria depois que tivesse tudo isso? O que preencheria todos os dias até o fim da sua vida? A liberdade proporcionada por uma fonte inesgotável de dinheiro seria tamanha que muitos de nós simplesmente não saberíamos o que fazer com ela, não é mesmo? De tão acostumados a não ter essa opção, não pensamos nela como se fosse realmente possível.

Mas vamos trazer a discussão para um pouco mais perto da realidade... Quanta liberdade você tem hoje? Quantos dos seus sonhos você realiza?

Tantas perguntas... O que eu quero dizer com tudo isso?

Estou falando basicamente de ter controle sobre a própria vida. Não ser escravo de um emprego para pagar as dívidas.

Pense em quantas horas do seu dia você faz o que realmente deseja fazer. Nas outras horas, poderíamos dizer que você está trabalhando para pagar suas contas? Ou que você entrou no ciclo: “acordar, trabalhar, pagar as contas e dormir”? Sabemos que é assim que a vida segue para muitas pessoas. Na verdade, não é um grande problema que seja assim – por um tempo. Mas é ruim viver dessa forma a vida inteira. E existem caminhos para escapar desse ciclo. É perfeitamente possível conseguir alguma flexibilização e uma maior qualidade de vida.

Pois bem, assim chegamos à proposta deste livro: ajudá-lo a aprender o básico do universo da economia, para que você seja fi-

nanceiramente livre, deixe de ser leigo em investimentos e saiba fazer o seu dinheiro trabalhar por você, não o contrário.

Ser financeiramente livre para poder se mudar de cidade ou de país, se assim você desejar. Trabalhar de outro lugar do mundo. Ter a possibilidade de se aposentar jovem.

Ao longo deste livro, vou apresentar uma série de conceitos de economia e de orientações de finanças pessoais para que você conquiste sua liberdade financeira. Mesmo que seja para continuar a trabalhar – até quando você bem quiser.

Há uma infinidade de temas para abordar no universo das finanças. Eu não escolhi um assunto específico. Poderia escrever apenas sobre dívidas, sobre aposentadoria, sobre conceitos de economia do dia a dia, sobre investimentos ou sobre finanças do casal, mas o que eu fiz aqui foi reunir as orientações práticas que considero úteis para sua vida financeira de forma mais ampla. A ideia é ajudar você a conquistar sua liberdade financeira o quanto antes, por meio do conhecimento básico de economia e de orientações de finanças pessoais para diversos momentos e situações de sua vida. Meu objetivo? Ajudar os leitores a ver a economia como uma aliada, e não uma inimiga, e a concretizar seus sonhos.

Eu não sabia que poderia escrever um livro até pouco tempo atrás. Há muitos anos vinha pensando em fazer isso, mas parecia que a hora ainda não tinha chegado. O que me motivou a dedicar a maior parte do meu tempo a este fim, desde o ano passado, foram palavras de incentivo de amigos, conhecidos, familiares e colegas de trabalho.

Eles me convenceram a escrever para um público maior sobre os assuntos que costumamos conversar no dia a dia. Reuni aqui não apenas minhas percepções sobre o universo das finanças pessoais, mas também discussões que tenho com minha equipe de trabalho diariamente e que acredito serem inspiradoras para um grande número de brasileiros. Dúvidas de leitores também foram fundamentais para me ajudar a selecionar os temas de economia mais presentes na vida das pessoas.

Antes de prosseguir, a boa educação pede que eu me apresente melhor. Sou jornalista de formação e escolhi economia como área de

atuação. Estou em contato diário com esse tema fascinante há quinze anos e me apaixono mais por ele a cada dia. Não sou uma profissional com formação em economia, embora tenha cursado diversas disciplinas nesta área. Tive sempre como objetivo principal transmitir informações econômicas de maneira fácil, pensando em leitores leigos em economia. Passei um tempo na China, em 2007 e 2008, para me aprofundar nos estudos do fenomenal crescimento econômico chinês, na Universidade de Macau. Alguns anos depois, complementei meus estudos com um MBA em Informações Econômico-Financeiras e Mercado de Capitais e, em 2015, deixei o jornal de economia em que trabalhava para atuar em uma empresa de análise de investimentos, a Empiricus, onde atualmente sou responsável pela área de finanças pessoais e educação financeira, o Criando Riqueza.

Neste livro, você não vai encontrar minhas orientações específicas de investimentos. O que eu mostro aqui é a minha maneira de pensar em relação ao universo da economia, de forma mais simplificada possível. Deixo para analistas especializados as recomendações diretas sobre onde investir. No entanto, em diversos capítulos eu abordo os produtos de investimento existentes no Brasil, para que você se familiarize com eles. É importante pontuar que nem mesmo as escolhas de um especialista são sempre corretas. Todos erram de vez em quando. Mas você pode procurar por aqueles que acertam mais e com os quais você tenha identificação.

Ao longo deste livro, você absorverá conhecimentos que permitirão que você tenha um maior senso crítico em relação aos analistas e economistas que surgirem em seu caminho. E deixo para você a decisão final sobre qual rumo tomar em suas finanças pessoais. Após toda a leitura, certamente você terá segurança para tomar suas decisões. E nunca mais sairá da agência bancária com aquela incômoda sensação de desconfiança em relação à conversa que teve com seu gerente.

Construir riqueza sempre será uma decisão pessoal e particular, que vai depender da sua atitude e, no dia a dia, de você gastar menos do que ganha e investir com sabedoria uma parte de seu dinheiro, todos os meses.

De forma resumida, eu poderia dizer que o propósito deste livro é ajudar brasileiros e brasileiras, leigos em finanças e economia, a identificar quais as melhores decisões em diversas situações em que o dinheiro está em jogo, para que possam garantir uma maior qualidade de vida no presente e um futuro mais tranquilo.

Portanto, espero contribuir para que todos os leitores possam ter uma vida financeira mais saudável a partir de agora. A consequência disso, no curto prazo para alguns e no longo prazo para outros, é o enriquecimento e a liberdade financeira. Mas esta leitura não elimina a necessidade de um planejamento financeiro específico para sua vida. Toda decisão financeira precisa levar em conta suas particularidades, seus objetivos pessoais e seu perfil. Cada caso é um caso. O que me proponho a fazer é compartilhar o meu conhecimento para tornar bem mais simples e agradável a sua busca por liberdade financeira.

Você perceberá que não defendo o enriquecimento a qualquer custo. A bandeira que levanto aqui é a de que todos podemos nos organizar – e traçar um plano – para ter o montante de dinheiro necessário para viver da forma que escolhermos.

Acredito que algumas orientações muito simples já são capazes de fazer uma diferença significativa na vida financeira de qualquer pessoa. E tenho convicção de que alguns conhecimentos básicos de conceitos e termos econômicos podem rapidamente transformar uma aversão à economia em um prazer de lidar com o assunto. Por fim, algumas contas fáceis podem ajudar qualquer pessoa a tomar melhores decisões no dia a dia.

Nas próximas páginas, você encontrará histórias e constatações que servem de pano de fundo para que absorva alguns conceitos econômicos importantes. Deixei de lado o economês dos textos de especialistas e optei por uma linguagem mais simples para facilitar a leitura.

Ao terminar de ler, é bem provável que você tenha a sensação de que já conhecia algumas ideias aqui apresentadas. Mas você terá consolidado seus conhecimentos de finanças pessoais e encontrado alguma clareza que faltava para seguir em frente, tranquilo, no caminho de uma vida financeira mais próspera. Seguramente ficará

animado com seus novos hábitos financeiros. E terá segurança para conversar de igual para igual com seu gerente de banco.

A economia é dinâmica, e eu não vou mentir aqui dizendo que este livro é um guia totalmente atemporal, perfeito para qualquer momento econômico. Vivemos em um Brasil com inflação e juros altos, com crise política e com taxa de desemprego crescente. Por um lado, temos muitos desafios, principalmente para quem possui dívidas. Por outro, temos muitas oportunidades para ganhar dinheiro, como você verá nas próximas páginas.

Independentemente do momento econômico, o mais importante é absorver os conceitos, as ideias e as grandes mensagens. A partir daí é possível ajustar as atitudes em situações futuras. Posso garantir que, após ler este livro, você não será mais o mesmo. Se você sempre foi leigo em economia, não terá mais essa desculpa.

Gosto muito de um termo que aprendi recentemente com minha prima Anarosa, que é médica, e gostaria de aplicá-lo aqui para a conclusão deste capítulo introdutório: patognomônico. Como sou totalmente leiga em medicina, pedi que ela explicasse de maneira simples. “É quando um sintoma só pode ser causado por uma – e somente uma – doença, o que torna o diagnóstico irrefutável”, ela me disse.

Na vida também é assim. Seu futuro financeiro será consequência de um – somente um – fator: sua atitude presente.

É claro que podemos receber uma herança inesperada. Aposto que você já sonhou com isso por pelo menos alguns segundos. Mas aqui estamos tratando da vida real, certo? Portanto, na vida real, o que lhe apresento neste livro são informações que podem lhe ajudar a tomar o caminho correto. E ter como consequência de suas atitudes a sua liberdade financeira. Contei com a ajuda da equipe do Criando Riqueza e da Empiricus ao longo dos últimos dez meses para produzir o material a seguir. Espero que goste do resultado.

1. Método CR para uma vida financeira saudável

A maneira mais simples e eficiente de ter uma vida financeira saudável é ser racional em relação aos assuntos ligados ao dinheiro. Ou seja, trazer o tema para sua análise, em vez de deixá-lo ali, de forma nebulosa e intocável, em algum lugar da sua cabeça.

Para racionalizar algo, é importante ter algum conhecimento sobre o assunto. Imagine que você está em uma concessionária de veículos e se apaixonou por um carro que o vendedor lhe mostrou. Se você já conhece o mercado, as marcas concorrentes e os aspectos técnicos do veículo, ótimo. Em vez de comprar por impulso, pode pensar um pouco e decidir se vale a pena. Agora, supondo que você não tenha ideia de como está o mercado e de quais seriam as alternativas semelhantes, dificilmente poderá tomar uma decisão racional, certo?

No universo das finanças pessoais e dos investimentos, é importante (mas não imprescindível, já adianto):

1. Ter um conhecimento básico sobre economia. Saber alguns conceitos econômicos presentes no dia a dia e dominar algumas contas simples.
2. Dedicar tempo ao controle de suas finanças pessoais. Conhecer seus hábitos, sua renda líquida e suas despesas.
3. Entender a psicologia econômica e algumas das principais “armadilhas” da mente.

Eu disse que não é imprescindível, pois algumas pessoas poderão ter a vida financeira que quiserem sem precisar se preocupar com esses três pontos.

Por exemplo: quem nasceu em uma família muito rica, que tenha um profissional cuidando das contas de todos; quem não se importa em ter independência financeira e depender do marido, da esposa ou de outra pessoa para se sustentar.

Agora, se você não se encaixa em casos como esses, sugiro que releia atentamente os três pontos acima.

Desde já, adianto que não existe uma idade para que você comece a olhar para alguns aspectos de sua vida financeira que antes eram negligenciados. Infelizmente, não temos uma cultura de educação financeira no Brasil. Não aprendemos economia na escola. Em geral, não somos ensinados a investir desde pequenos. Eu me lembro muito bem de ter aprendido a preencher talões de cheque na minha escola. Tínhamos uma “minicidade” em um terreno localizado ao lado das salas de aula, e as professoras nos levavam até lá para aprendermos a fazer compras na papelaria, na lanchonete e na sorveteria.

Mas não foi lá que aprendi a comparar preços e tamanhos de embalagens, a calcular descontos e a organizar minha mesada. Minha mãe tinha um sério problema de coluna e, desde muito pequenos, meu irmão e eu íamos com ela ao supermercado para ajudar com as compras. Foi com ela que comecei a aprender a racionalizar toda e qualquer compra.

A falta de educação financeira nas escolas talvez não seja problema daqui a alguns anos. Isso está mudando com novas iniciativas de instituições, de empresas e do governo. Há projetos em fase de teste em diversas cidades, mas o processo é lento.

Digo isso para que você passe uma régua em sua vida financeira neste momento, sem culpa, caso nunca tenha aprendido um conceito sequer de economia ou de finanças pessoais.

Os três pontos que mencionei há pouco estarão presentes em diversas ocasiões ao longo dos próximos capítulos, de forma que ao final da leitura terão sido absorvidos naturalmente. Eles permeiam o que batizei de “Método CR” para uma vida financeira saudável. Esse é o sistema que usamos nos materiais do Criando Riqueza.

Esse método tem o objetivo de orientar os leitores a ter uma vida financeira saudável a partir de um roteiro claro. De nada adianta ter todo um universo de informação sem guias práticos para seguir. O método é composto por cinco pilares:

1. **Domínio financeiro:** aqui uso a palavra “domínio” no sentido de poder sobre a mente. Um pouco de psicologia econômica vai dar uma bela ajuda à força de vontade.

2. **Rotina financeira:** há diversas formas de incluir suas finanças pessoais no dia a dia. Algumas pessoas preferem ter planilhas financeiras em excel, outras se dão melhor com os aplicativos. Aqui, o mais importante é o autoconhecimento.
3. **Endividamento saudável:** os leitores do Criando Riqueza costumam pedir ajuda para exterminar as dívidas. A regra aqui é saber diferenciar uma dívida boa de uma dívida ruim.
4. **Colchão de liquidez:** o primeiro passo para começar a construir um patrimônio sólido é formar uma reserva financeira que esteja bem aplicada e com um retorno adequado.
5. **Oportunidades financeiras:** tudo sob controle, é hora de multiplicar o patrimônio. Para aproveitar as oportunidades, é preciso ter uma ótima fonte de informação.

Pode ser que você já tenha construído um dos pilares, ou mais de um deles. Cada um tem seu papel e pode ajudá-lo em algum aspecto de suas finanças pessoais. Juntos, todos sustentam o seu crescimento econômico. O último, em especial, poderá levá-lo a alcançar seus objetivos financeiros.

2. Domínio financeiro: é preciso adestrar a si mesmo

O primeiro pilar do nosso método tem uma forte relação com a psicologia econômica, ciência que abrange a economia comportamental. Pelos termos citados, você já pode deduzir do que estou falando.

Chegou o momento de construir as bases do seu “forte” financeiro. Neste capítulo, vamos falar de armadilhas que nos levam a tomar decisões equivocadas. Estou falando daquelas que a mente prega em nós e também de armadilhas externas.

Fazem parte desse último grupo os argumentos de insistentes vendedores de produtos e serviços dos quais não precisamos. A publicidade fará com que você pense que precisa de tudo, que você pode ter tudo. E que você será uma pessoa melhor, mais admirada e mais feliz se comprar tudo o que é anunciado. Tentará fazer com que você realize prazeres imediatos e de curto prazo.

Como dizem os psicanalistas, o componente emocional está presente em todas as ações humanas. Existem alguns estudos que relacionam a psicologia ao endividamento, à poupança e às decisões domésticas.

Tenho grande admiração por Vera Rita de Mello Ferreira. Ela é especialista em psicologia econômica e diz em seu livro *Psicologia econômica: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisões* que alguns fatores psicológicos podem ajudar as pessoas a tomar melhores decisões econômicas em casa, no dia a dia. É o caso do “amor”. Isso mesmo, se a relação entre as pessoas for harmoniosa, as decisões tendem a ter resultados mais satisfatórios para o benefício mútuo.

Para quem quiser se aprofundar nesse tema, cujo estudo sempre será útil para o processo de enriquecimento, sugiro a leitura de *Rápido e devagar: duas formas de pensar*, de Daniel Kahneman, psicólogo e vencedor do Nobel de Economia.

O que vou fazer agora é resumir o que considero essencial para o início da construção do pilar “Domínio financeiro”.

O que Kahneman nos diz é que temos dois sistemas mentais: Sistema 1 e Sistema 2. Enquanto o Sistema 1 (mais primitivo) nos faz

agir rapidamente, por impulso, seguindo as emoções, o Sistema 2 é aquele que nos faz agir com racionalidade e lógica.

Vamos construir o pilar do domínio financeiro exercitando o nosso Sistema 2.

A construção do pilar de domínio financeiro exige a inclusão de algumas perguntas que podem parecer inúteis, de tão básicas, mas que têm um efeito positivo à medida que ajudam a automatizar o Sistema 2.

Aposto que você já ouviu estas antes:

1) Eu realmente quero comprar isso? Eu realmente preciso comprar isso?

Sim, pois as razões que motivam as compras nem sempre estão ligadas à necessidade do produto adquirido.

Um levantamento feito pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) mostra que 36,3% das pessoas admitem fazer compras como uma forma de aliviar o estresse.

A mesma pesquisa diz que comprar, mesmo sem planejamento, é o lazer preferido de três em cada dez brasileiros. E mais: quase a metade dos consumidores (47,7%) admitem fazer compras para se sentirem bem. Isso comprova o quanto agimos pelo Sistema 1, e não pelo Sistema 2.

Também é comum pensar que a compra se justifica pela “boa oportunidade”. Como presas fáceis das propagandas, muitos compram algo desnecessário para não “desperdiçar a chance”.

A tarefa aqui é levar a decisão ao Sistema 2, pensando por outra lógica: se comprar esse produto, vou deixar de investir esse dinheiro. No futuro, deixarei de ter esse dinheiro acrescido dos ganhos da aplicação.

Outro fator psicológico prejudica a análise racional: a dificuldade de lidar com o assunto da morte. Tendemos a evitar o assunto aposentadoria, por nos remeter a uma proximidade maior com o fim da vida.

Além disso, como explica a dra. Vera, temos uma tendência de fazer as escolhas mirando no presente. Não queremos abrir de mão de um consumo já para guardar e ter no futuro.

Assim, muitos preferem nem pensar em planejar sua vida financeira futura. Isso é um erro grave, pois o nosso conforto na velhice

depende de nosso esforço anterior para construir um patrimônio, já que não podemos contar com a ajuda do governo. Quem queremos ser no futuro: um idoso dependente dos filhos, sem autonomia para fazer o que quiser?

A resposta é óbvia. Ninguém, em sã consciência, quer passar as últimas décadas da vida cheio de restrições e dependendo de outros. E qual é a solução? Como evitar decisões financeiras ruins, resultantes de comportamentos impulsivos?

Em primeiro lugar, é preciso exercitar o hábito de pensar sobre as suas decisões, tentar sempre ativar o Sistema 2. Antes de tomar uma atitude financeira por impulso, conte até dez. Parece bobagem, mas assim damos tempo para nossa cabeça processar a ideia. Se precisar, conte até mil. Quando fazemos esse processo de contagem, nosso Sistema 1 é desligado e passamos a pensar com o Sistema 2, pois estamos focados em contar numa ordem lógica, juntamente com a situação vivida. Além disso, a dra. Vera acrescenta que, ao fazer a contagem, nosso impulso por comprar diminui.

Em segundo lugar, é válido evitar as situações impulsivas que podem gerar decisões nocivas ao nosso bolso. Por exemplo: ir ao shopping com cartão de crédito, mesmo sem a necessidade de um produto específico.

Voltando às perguntas básicas, é importante questionar também:

2) De tudo que eu poderia comprar com esse dinheiro, esta é a melhor opção?

E vou além:

3) Quanto eu poderia ganhar se investisse o valor deste produto?

O que quero dizer é que devemos ter o hábito de fazer a conta de quanto dinheiro poderíamos ter daqui a um tempo se poupássemos o valor de uma compra no momento presente.

Por exemplo: você sente vontade de comprar um item novo. Pense em algo que se encaixe aqui. Pode ser um carro mais caro, um aparelho tecnológico... qualquer produto. Suponha que você vá gastar R\$ 2 mil para adquiri-lo – ou então que os R\$ 2 mil sejam a diferença para um substituto mais barato.

Pois bem, se investir esse valor no título Tesouro Prefixado neste

momento em que escrevo o livro, você terá cerca de R\$ 2,6 mil em dois anos. Se investir no título Tesouro IPCA+, você terá aproximadamente R\$ 23 mil em vinte anos. Você pode fazer essa conta no próprio site do Tesouro Direto, com um simulador que sempre atualiza os valores.

Muitas pessoas ricas que conheço têm o costume de pensar assim. Elas sabem o quanto podem ganhar com aplicações financeiras. Sabem como o dinheiro investido se multiplica com o tempo. Por isso, economizam cada real. Dessa forma, adiam o prazer do consumo para o futuro.

Ao abrir mão de um pequeno prazer no curto prazo você não perde esse potencial de prazer para sempre. Pelo contrário, uma sensação boa que poderia durar algumas horas ou alguns dias vai lhe permitir um prazer muito maior no futuro.

Força de vontade futura?

Outra forma de impedir que armadilhas da mente prejudiquem nossa criação de riqueza é desconstruir argumentos mentais que nos levam a adiar atitudes financeiras positivas.

“Preciso ligar na empresa de telefonia celular para reclamar de uma cobrança indevida. Agora estou com preguiça, mas na semana que vem eu faço isso.”

“Tenho que cancelar esse plano de tevê a cabo, pois há meses não vejo televisão e sei que a despesa é muito alta. Farei isso na segunda-feira, sem falta.”

“Preciso anotar meus gastos e minhas receitas na planilha financeira. Mas não adianta começar agora, no meio do mês... no primeiro dia do mês que vem vou começar.”

“Cansei de deixar meu dinheiro perder valor na poupança. Na próxima semana vou buscar uma aplicação melhor.”

“Preciso começar a formar minha aposentadoria. Mas ainda estou tão distante dela, que vou pensar nisso no mês que vem.”

Cuidado com a chamada “crença infundada na força de vontade futura”. Ou seja, não há fundamento algum para acreditarmos que teremos força de vontade para fazer amanhã algo que não tivemos força de vontade para fazer hoje.

Oras, se você não tomou essas atitudes hoje, ontem, anteontem, por que acredita que vai fazer isso no futuro? A dra. Vera Rita tem uma denominação que considero perfeita para isso: “crença infundada na força de vontade futura”. Ou seja, não há fundamento algum para acreditarmos que teremos força de vontade para fazer amanhã algo que não tivemos força de vontade para fazer hoje. Ilusão pura.

Portanto, a regra é: faça hoje e pare de uma vez por todas de perder dinheiro – e energia – com o assunto em questão.

Urgente x importante

Mark Ford, que é cofundador do Palm Beach Research Group, sócio da Agora Financeira e guru do Wealth Builders Club (wbc) Brasil, costuma dizer algo muito interessante que pode nos ajudar nesse sentido. Ele diz que temos tarefas: (1) urgentes e importantes; (2) urgentes, mas não importantes; (3) importantes, mas não urgentes; e (4) não importantes e não urgentes.

Tendemos a fazer primeiro as urgentes e importantes e, depois, as urgentes. Por exemplo, entre ir ao supermercado comprar um produto de limpeza ou dar início ao planejamento do livro que você pretende escrever, aposto que a primeira coisa que você faria seria a compra dos itens para a casa. No entanto, Mark defende (e eu concordo) que deveríamos primeiro fazer as importantes. Pois são elas que vão mudar a nossa vida.

Isso vale tanto em um contexto de tarefas muito mais complexas, como dedicar tempo ao desenvolvimento de uma atividade para renda extra, por exemplo, como para tarefas mais simples, como começar uma planilha de organização dos gastos.

Se você notar que sempre falta tempo para as importantes, pois as urgentes já tomam todos os horários em que você está acordado, uma saída pode ser acordar um pouco mais cedo ou abrir mão de alguns prazeres.

Temos tarefas: (1) urgentes e importantes; (2) urgentes, mas não importantes; (3) importantes, mas não urgentes; e (4) não importantes e não urgentes. Tendemos a fazer primeiro as urgentes e importantes e, depois, as urgentes. No entanto, deveríamos primeiro fazer as importantes. Pois são essas que vão mudar a nossa vida. (Mark Ford)

Tenho uma amiga que sumiu do nosso círculo de amizade por meses. Sempre se desculpava por não poder comparecer aos eventos. Enquanto o grupo se reunia periodicamente e tocava a vida, ela optou por renunciar a uma parte de sua vida social para se dedicar a um novo negócio. Dessa forma, montou uma empresa para vender semijóias. Ela fez isso em suas horas livres, pois manteve o emprego – que consumia nove horas de seu dia. Antes de ir trabalhar, dedicava, religiosamente, uma hora para pesquisar sobre sua nova atividade. Ao retornar, mais uma hora. Isso começou há três anos. Hoje, aos 35 anos, ela mantém seu emprego e tem mais duas empresas, que lhe rendem um ganho equivalente ao que tem no trabalho. Foi preciso sacrificar o convívio com os amigos, mas ela afirma que faria tudo novamente. E, seguramente, vai poder se aposentar com muito mais tranquilidade.

Excesso de otimismo

Uma armadilha muito comum é o otimismo em excesso. Um exemplo simples, dado pela própria dra. Vera e que nos ajuda bastante com os conceitos de economia comportamental no Criando Riqueza, é: “O dinheiro não vai brotar em sua conta-corrente, em um passe

de mágica, se você parcelar uma compra em dez vezes. Se não tem o dinheiro para pagar neste momento, não compre”. Quantas vezes ouvimos a frase “dinheiro não nasce em árvore”, não é mesmo? É sobre isso que estamos falando. Na vida financeira, não é indicado ficar apenas contando com a sorte ou ser excessivamente otimista.

A dra. Vera acrescenta que o excessivamente otimista é aquele que não vê o risco. Ela explica que há também a “autoconfiança excessiva”. Neste caso, a pessoa excessivamente autoconfiante não vê o risco para si mesmo, apenas para os outros. É o caso, por exemplo, de alguém que afirma que o mercado está difícil para que um empreendedor tenha sucesso, mas acredita que ele próprio conseguirá se sair bem.

Da mesma forma, poderíamos usar aqui um exemplo da economia brasileira. O Brasil vem apresentando uma piora de suas contas nos últimos anos, com sua dívida equivalendo a cerca de dois terços do Produto Interno Bruto (PIB, a soma de todas as riquezas geradas em um país). De nada adianta acreditar que tudo vai dar certo nos próximos anos se um ajuste fiscal não for feito. O governo precisa equilibrar seu orçamento, cortando gastos.

3. Rotina financeira: enriquecer exige uma planilha

O segundo pilar para uma vida financeiramente saudável é um pouco mais palpável do que o primeiro, mas igualmente importante. Para construí-lo, você precisa entender a economia na sua vida. Isso significa dar início ao processo de autoconhecimento financeiro em sua rotina.

Isso é imprescindível para seu sucesso, independentemente de quanto dinheiro você tenha. Para quem já tem alguma facilidade com esse universo, melhor. Para aqueles que têm aversão aos temas econômicos, aqui vale pensar que, “se não pode vencer seu inimigo, junte-se a ele”. Mais à frente, teremos um capítulo com resumos simples dos principais conceitos econômicos.

O autoconhecimento começa por saber exatamente quanto você ganha. Não o salário combinado com seu empregador, mas sim o valor que cai na sua conta após impostos e descontos. Se o seu salário é de R\$ 5 mil, não é esse montante que você deve ter em mente na hora de assumir compromissos financeiros e fazer compras. Provavelmente, o valor que você terá, de fato, será inferior a R\$ 4 mil após os descontos.

O conhecimento de suas finanças também vai lhe mostrar quanto você ganha, exatamente, com uma atividade extra, já excluindo o quanto você gastou para executá-la. De nada adianta ignorar os custos que você teve durante a fase de produção.

É preciso transparência total consigo mesmo para mapear o fluxo de seu dinheiro.

Para começar, tenha uma planilha de ganhos e gastos. Logo abaixo você encontra uma sugestão de itens para incluir nela.

A proposta é: uma vez por mês, você pode se sentar em frente ao computador e dedicar o tempo necessário para preencher uma planilha com todos os seus gastos e suas receitas, ou seja, o dinheiro que entrou na sua conta, ao longo de um mês.

“Ah, mas já estamos no meio do trimestre, agora não dá mais

tempo.” Não importa se estamos no meio do mês, do bimestre ou do semestre: é importante começar.

Para que o resultado seja bom, tudo, tudo, tudo deve ser anotado. Só assim você poderá mapear as principais despesas mensais e ter condições para reduzir os gastos de maneira eficiente.

Você pode separar sua planilha entre os doze meses do ano, cada um deles em uma aba do Excel. Ou pode fazer tudo em uma só, como preferir. Na categoria “Renda Familiar”, você deve anotar todo o dinheiro que entrou no período em sua conta, seja com o recebimento de dinheiro ou por meio de depósito em conta. O subtotal dessa categoria representa o montante que você tem disponível para o mês (tanto para pagar contas, como para investir ou doar).

Receitas

Salário

13^o salário

Férias

Aluguel

Resgate de investimentos

Renda extra

Empréstimos

Outros

Em seguida, a sugestão é dividir seus gastos em nove categorias referentes a possíveis grupos de gastos: Investimentos/Serviços Financeiros; Habitação; Saúde; Transporte; Despesas Pessoais; Lazer; Educação; Dependentes e Animais de Estimação.

Provavelmente, a maior parte dos leitores tem gastos periódicos nas primeiras seis categorias, enquanto as últimas três são mais atípicas. Os grupos selecionados podem ser mudados, isto é, você pode excluir os que não fizerem parte de seu orçamento, e incluir eventualmente um ou outro presente em seus gastos mensais. Se não tiver um animal doméstico, por exemplo, não faz sentido manter a categoria “Animais de Estimação”.

O mesmo vale para as subcategorias. Você verá abaixo 74 itens

que costumam aparecer nas despesas todos os meses, mas que também podem (e devem) ser adaptados ao seu próprio orçamento.

Vamos aos itens:

Despesas

Investimentos / serviços financeiros

Ações

LCI, LCA, CDB

Previdência privada

Fundos de investimentos

Tesouro Direto

Empréstimos (pagos)

Tarifas bancárias

Outros

Pessoais

Higiene pessoal

Cosméticos

Cabeleireiro

Vestuário

Lavanderia

Academia

Cursos

Presentes

Doações

Outros

Habitação

Aluguel / prestação da casa própria

Condomínio

IPTU

Luz

Telefones

Internet

Gás

Criando riqueza

tv por assinatura / Netflix
Supermercado / feira / açougue / padaria
Empregados
Reformas / consertos
Seguro da casa
Outros

Saúde

Plano de saúde
Médico
Dentista
Terapia
Medicamentos
Exames
Outros

Transporte

Ônibus / metrô / trem
Táxi / Uber
Prestação
Seguro do carro/moto
Combustível
Lavagens
IPVA / DPVAT / licenciamento
Mecânico
Multas
Estacionamentos
Pedágios / Sem Parar
Outros

Lazer

Restaurantes
Cafés / sorveterias
Bares / boates
Livraria

Passagens
Hotéis
Passeios (cinema / teatro / show)
Outros

Dependentes

Escola / faculdade
Cursos extras
Material escolar
Esportes / uniformes
Mesada
Passeios / férias
Vestuário
Saúde / medicamentos
Transporte
Outros

Animais de estimação

Petshop
Ração
Veterinário
Medicamentos
Vacinas
Outros

Resumo

Rendimentos totais
Despesas totais
Saldo do mês / ano

Se preferir preencher aos poucos, comece anotando todos os seus gastos diariamente em um caderno e transfira ao excel uma vez por semana. Observe com atenção sua planilha financeira. Identifique, nas linhas das despesas, aquilo que pode ser cortado com mais facilidade. É possível checar o peso de cada subcategoria dentro do

grupo. Essa separação é importante para saber se determinadas áreas estão representando parte maior do que o desejado em seu orçamento. Será que seu aluguel não está pesando muito dentro das despesas com Habitação, por exemplo? Será que o gasto com restaurantes está sobrecarregando as contas de lazer?

Some também o quanto você perde de dinheiro por falta de atenção, como em multas de trânsito e multas por atraso no pagamento de contas.

Observe que colocamos o item “investimentos” entre as despesas. É isso mesmo. É importante ver os investimentos dessa forma. Do dinheiro que você ganha no trabalho, você estará “pagando um salário/um bônus a você mesmo ao aplicar em uma conta de investimentos.

E acostume-se a olhar seus extratos bancários e suas faturas de cartão de crédito. Você pode incluir uma linha “Cartões de crédito” em sua planilha para que tenha também o controle de quanto de suas despesas você paga no cartão e quanto paga de outras formas, como boletos bancários e à vista.

Com uma planilha, que deve ser adaptada de acordo com suas atividades, você vai identificar como está perdendo dinheiro e vai poder identificar também se o banco está cobrando taxas que você não aprovou. Há alguns anos, era muito comum a cobrança de seguros para proteção do cartão de crédito, por exemplo, sem uma clara comunicação prévia ao cliente. Nesses casos, você deve reclamar e pedir o estorno.

Muitas pessoas têm a tendência de gastar tudo o que ganham, ou até mais do que ganham, contando com os limites do cartão de crédito ou do crédito pessoal. Durante a construção de seu pilar de rotina financeira, é preciso inverter essa lógica. Assim que tiver todas as suas despesas pagas, invista uma parte do valor restante – ou todo ele. Só depois de satisfeito com seus investimentos você deve pensar em gastar o que ganhou com compras.

E muitas pessoas tendem a reclamar de quanto ganham. É igualmente importante mudar essa lógica. Mais importante do que o quanto você ganha é o que você faz com o dinheiro. Ou seja, o que vai permitir que você tenha liberdade financeira não é a sua receita, mas sim os seus gastos.

Nos sete passos abaixo, resumo as principais orientações para a construção do pilar de “Rotina financeira”.

Mais importante do que o quanto você ganha é o que você faz com o dinheiro. Ou seja, o que vai permitir que você tenha liberdade financeira não é a sua receita, mas sim os seus gastos.

Primeiro passo: Mapeamento

O primeiro passo não é segredo. Mas é tão óbvio quanto necessário: montar a planilha financeira, conforme falamos acima. Preste atenção aos seguintes pontos:

- Inclua suas receitas líquidas de impostos e descontos. Ou seja, é errado colocar o seu salário bruto.
- Coloque uma linha “investimentos” entre as despesas. Isso é importante para que você fique habituado a investir um pouco para seu futuro todos os meses.
- Tenha um espaço para os gastos no cartão, mas saiba que isso é para seu controle. Não some as compras duplamente – na linha do tipo do item de despesa e na linha do cartão.
- Veja o quanto você gasta com cada categoria de despesa – entretenimento, transporte, despesas de casa etc.
- Se o item “entretenimento” está gerando um gasto desproporcional, por exemplo, estabeleça uma meta para reduzi-lo nos meses seguintes.
- Algumas despesas são essenciais, como água, luz, alimentação. Mas outras podem ser reduzidas, como plano de tv a cabo. Pense em outras vantagens dessa medida. Hoje em dia não nos sobra tempo para leitura, para conversar com os familiares. Talvez ao cortar a tv a cabo você tenha outros benefícios além do financeiro.
- Gaste menos do que você ganha. E guarde um pouco todos os meses.

Segundo passo: Persistência

Ter disciplina financeira é como ter força de vontade para fazer exercícios. É difícil sempre ter disposição para ir à academia ou para sair para correr. Mas depois de feitos os esforços, vemos os músculos fortalecidos e reconhecemos que valeu a pena. Lembre-se:

- Vale a pena investir bem e colocar seu dinheiro para trabalhar por você. Você terá certeza disso quando puder se aposentar mais cedo.
- Por isso, leia sobre investimentos. Acompanhe os analistas de empresas independentes.

Terceiro passo: Proteção

Fuja dos ladrões de riqueza no dia a dia. Por exemplo:

- Não pague tarifas desnecessárias ao seu banco. Veja qual plano de tarifas é ideal para as transações que você faz.
- Considere ter uma conta digital, sem taxas para DOCs e TEDs.
- Invista por uma corretora de valores, que cobra taxas menores.
- Peça estorno do seguro do cartão de crédito que foi cobrado sem o seu consentimento
- Tente obter um cartão de crédito sem anuidade – essa opção já existe no Brasil.
- Organize-se, com sua planilha financeira (passo 1), para pagar as contas nas datas certas e, assim, nunca precisar pagar uma multa.

Quarto passo: Negociação

As lojas de varejo estão atravessando um momento muito ruim no Brasil, com dificuldade para vender. Elas precisam se desfazer de seus estoques e fazer caixa. Portanto:

Quando precisar comprar algo, pechinche. Pesquise o produto, negocie com o vendedor. Veja sempre se é possível – e mais barato – comprar on-line.

Aproveite promoções, mas não gaste apenas por causa da promoção. Companhias de táxi e empresas de cinema têm feito parcerias, fique atento às reportagens sobre o assunto.

Quinto passo: Poupar

- Poupe um pouco todos os meses. Muitos de nós fomos educados a gastar o dinheiro que ganhamos. Quando você era criança e ganhava algum dinheiro, o que acontecia? Seus pais e avós estimulavam você a poupar? Ou incentivavam você a ir logo comprar um doce na padaria ou algo que desejava? Por causa de uma questão cultural, acabamos condicionados a gastar o que ganhamos. Faça diferente. E incentive suas crianças a poupar.
- Se não puder pagar, não compre. Pense o quão passageiro será aquele prazer de consumo. Questione a real utilidade do item que você está prestes a comprar.
- Tente desvincilhar o “prazer” e a “felicidade” do ato de consumir. Relacione esses sentimentos ao hábito de poupar para o futuro e de planejar gastos conscientes, como viagens e projetos pessoais e familiares.

Sexto passo: Pé no chão

- Não conte com um dinheiro que você não tem.
- Não reclame de ganhar pouco. Mais do que o quanto você ganha, o que importa é o quanto você gasta e o quanto sobra no fim do mês.
- Em vez de reclamar do seu trabalho, tente ser um funcionário mais produtivo e eficiente para merecer promoções.
- Não aumente suas dívidas no cartão de crédito. Pague sempre o valor total da fatura, pois os juros para parcelar ou pagar o mínimo são altíssimos e isso vai atrapalhar seu processo de criação de riqueza.
- Veja no terceiro pilar da vida financeira saudável, no próximo capítulo, como calcular seu nível de endividamento ideal.

Em vez de reclamar do seu trabalho, tente ser um funcionário mais produtivo e eficiente para merecer aumentos.

Sétimo passo: Tenha metas

Ao traçar metas, você consegue seguir todos os passos anteriores com mais facilidade.

- Estabeleça metas de curto prazo para objetivos de médio e longo prazos.
- Planeje-se para atingi-las.
- Primeiro identifique seus objetivos de longo prazo: para daqui a cinco anos, por exemplo.
- Determine de quanto dinheiro você precisará para realizá-lo. Faça as contas de quanto você precisará a cada ano, a cada mês e a cada semana. Imagine que você queira fazer um curso de um ano no exterior, ou comprar um carro, por exemplo, daqui a cinco anos. Vamos supor que você precise de R\$ 30 mil para isso. São R\$ 6 mil por ano, R\$ 500 por mês e R\$ 125 por semana. Observe em sua planilha financeira em qual item você pode poupar R\$ 125 por semana. Invista esse dinheiro nas aplicações que recomendamos para você aqui no Criando Riqueza, como o Tesouro Direto, para que você tenha um ganho superior à inflação com esse dinheiro.
- Faça o mesmo com outros objetivos.
- Fique feliz por atingir seus objetivos e faça algo especial para comemorar.

Jogo “Criando Pobreza”

Antes de prosseguir para o próximo pilar, deixo um rápido exercício que poderá ajudá-lo a identificar momentos em que a falta de “domínio financeiro” e de “rotina financeira” atrapalha o seu processo de construção consciente de um patrimônio sólido. Este teste não é científico, mas apenas uma brincadeira para despertar a sua atenção

a alguns aspectos importantes de suas finanças do dia a dia. Então vamos ao jogo!

O objetivo é identificar seus “momentos de criação de pobreza”. Para isso, some um ponto para cada item abaixo em que a carapuça servir:

- No restaurante, já escolhi a porção grande só porque a diferença de preço em relação à meia porção era muito pequena.
- Tomei multas de trânsito nos últimos 24 meses.
- Nos últimos doze meses, paguei multa por atraso no pagamento de contas, como condomínio, IPTU, IPVA e fatura do cartão de crédito.
- Fiquei com preguiça de ir ao supermercado ou pesquisar preços e paguei mais caro pelos produtos comprando em uma loja / padaria careira.
- Comprei roupas, sapatos ou outros itens de vestuário que nem cheguei a usar.
- Nos últimos doze meses, comprei livros que não cheguei a ler.
- Paguei academia e não frequentei.
- Tenho dinheiro aplicado na poupança.
- Paguei seguro do cartão de crédito (ou outro serviço extra desnecessário cobrado pelo banco) por preguiça de ligar para reclamar da cobrança indevida.
- Tenho roupas boas que não uso.
- Deixei de usar cupons de descontos em lojas e restaurantes por vergonha.
- Minhas dívidas superam 30% da minha disponibilidade de crédito, ou seja, tenho uma “taxa de utilização” maior que 30%.

Peço agora mais dois minutos do seu tempo para que você pense um pouquinho e liste outros momentos “Criando Pobreza” nos seus últimos doze meses. O ideal é colocar tudo no papel, mas fazer o exercício mentalmente também funciona.

Para cada novo deslize, some mais 1 ponto.

Resultado:

- **0 a 3 pontos:** Se você somou até três pontos, parabéns. Você comete alguns deslizes, mas já consegue evitar outros. Dedique ao menos uma hora por semana às suas finanças pessoais.
- **4 a 10 pontos:** Se você somou entre quatro e dez pontos, precisa começar a mudar seus hábitos para que tenha uma vida financeira saudável. Dedique ao menos duas horas por semana às suas finanças pessoais.
- **Mais de 10 pontos:** Se você somou mais de dez pontos, já sabe que está encrencado, não é mesmo? Dedique ao menos três horas por semana às suas finanças pessoais.

4. Endividamento saudável: quando é bom ter dívidas

Para conseguir construir um patrimônio, é preciso entender quais são as “dívidas saudáveis” e quais são as dívidas que prejudicam o processo de enriquecimento. Mas o que seriam dívidas saudáveis? Quais seriam as dívidas boas? Quem detesta se endividar – e perde o sono só de pensar na possibilidade de dever a alguém – não consegue imaginar um argumento favorável às dívidas.

Uma dívida é boa, basicamente, quando é barata e tem como objetivo um projeto que irá ajudá-lo a aumentar o patrimônio. Por barata quero dizer que seu custo é mais baixo do que o percentual que você ganha em uma aplicação financeira. Ou seja, estou falando de uma dívida que permitirá seu crescimento financeiro.

Por exemplo, se um financiamento de imóvel te cobra um juro de 8,5% ao ano, enquanto o Tesouro Direto garante um rendimento de mais de 13% ao ano para sua aplicação, é fácil notar que essa dívida não vai corroer seu patrimônio. Você pode deixar uma parte de seu dinheiro rendendo na aplicação financeira e pagar os juros do financiamento.

Também são bem-vindas as dívidas assumidas para alavancar sua vida profissional. É o caso de financiamento estudantil ou para a compra de um instrumento de trabalho. Por exemplo: uma máquina especial para um fotógrafo, um equipamento de radiografia para um consultório. Também podemos incluir nesse grupo a dívida para dar início a um novo negócio, desde que você tenha feito um bom planejamento e tenha como fazer uma boa gestão.

Podemos dizer que as dívidas boas produzem retorno maior do que o custo.

Enquanto isso, a dívida ruim está relacionada ao consumo. Há infinitos exemplos, como as prestações de um financiamento para a compra de um veículo, prestações de móveis ou de objetos que se depreciam rapidamente e, principalmente, as dívidas do cartão de crédito.

Jon Hanson, no livro *Dívida boa, dívida ruim*, compara as dife-

renças entre os dois tipos de dívida com as diferenças entre o colesterol bom e o colesterol ruim. Assim como o colesterol bom limpa as artérias, as dívidas boas nos mantêm financeiramente saudáveis. Da mesma forma que o colesterol ruim entope as artérias, as dívidas ruins nos deixam mais pobres a cada dia.

Além de entender essa distinção entre dívida boa e dívida ruim, o ideal é manter um baixo nível de endividamento – mesmo na dívida boa. Logo a seguir mostrarei duas contas que qualquer pessoa pode fazer para identificar qual seria um bom patamar.

E o primeiro pilar, de domínio financeiro, também contribui para a construção do terceiro. Pesquisas mostram que um dos itens que geram endividamento das famílias é a compra de brinquedos. Muitos pais não conseguem dizer “não” aos filhos, especialmente em datas comercialmente comemorativas, como Natal e Dia das Crianças.

Uma dívida é boa, basicamente, quando é barata e tem como objetivo um projeto que irá ajudá-lo a aumentar o patrimônio. Uma dívida é ruim quando está relacionada ao consumo.

Qual é o seu nível de endividamento saudável?

O nível de endividamento saudável varia de pessoa para pessoa. Vamos supor que João tenha segurança em seu emprego, um bom salário e uma casa própria. Enquanto isso, Marcos vive de aluguel e trabalha em um setor da economia que vem sofrendo, com chances de que sua empresa precise cortar vagas. Fácil dizer que João pode assumir mais dívidas do que Marcos.

Uma boa regra para se manter sempre dentro de um nível saudável de endividamento é a “Regra dos 30%”: não tenha dívidas que superem 30% de sua renda ou 30% de seu crédito disponível.

Ou seja, supondo que você tenha uma renda de R\$ 5 mil, você não deve ter dívidas que superem R\$ 1,5 mil ao mês.

A conta do crédito disponível pode ser exemplificada da seguinte

forma: considerando que você tenha dois cartões de crédito com limite de R\$ 5 mil cada um, você tem um crédito de R\$ 10 mil no cartão. O ideal é que você não gaste mais do que R\$ 3 mil.

Parcelar no cartão de crédito é bom sempre que a loja não oferecer desconto para pagar à vista. Mas parcelar uma conta exige que você conheça bem a sua planilha financeira, pois o que era bom pode ser terrível se você não puder pagar o valor total da fatura nos meses seguintes.

Como temos altos juros no cartão de crédito no Brasil – a média é de 385% ao ano, mas os juros podem chegar a 700%, segundo dados do Banco Central do Brasil de 2015 –, é importante pagarmos sempre o valor total da fatura.

Quando as dívidas já estão fora de controle, é preciso se organizar.

Há diversas maneiras de fazer isso. Há quem defenda que primeiro devem ser pagas as dívidas menores, para já eliminar logo aquela fonte de multas e juros. Eu sugiro que a prioridade seja o pagamento das dívidas mais caras, ou seja, aquelas que têm incidência de um juro maior e que, por isso, vão consumir o seu dinheiro mais rápido.

No site do Banco Central é possível encontrar o custo do juro de diversos tipos de credores. No quadro a seguir, você pode verificar os números que encontrei em uma pesquisa feita em março de 2016 com dados do fim de 2015.

Quanto custa cada dívida? (ao ano)

Cartão de crédito (rotativo)	431%
Cheque especial	287%
Crédito pessoal não consignado	118%
Crédito consignado	29%

Diferenças entre os tipos de empréstimo

Cartão de crédito (rotativo)

Quando não paga toda a fatura, você entra no financiamento chamado “crédito rotativo”. É o tipo de empréstimo que os bancos concedem para os clientes terem a possibilidade de não pagar, na data do vencimento, o valor total da fatura do cartão de crédito. Assim, o

crédito rotativo permite que o cliente pague, no dia do vencimento, qualquer valor entre o pagamento mínimo e o total da fatura. Os bancos costumam sugerir aos clientes a opção de pagar apenas o mínimo. Em geral, o valor já vem calculado e em posição de destaque na fatura ou na tela do internet banking. Os desavisados correm o risco de pagar o mínimo sem saber sobre os altíssimos juros. Enquanto isso, uma pessoa distraída pode pagar o mínimo sem nem mesmo se dar conta de que não quitou a fatura completa. Tome cuidado e se organize para pagar sempre o valor total. Juro médio do rotativo ao fim de 2015: **431% ao ano** (inclui operações de crédito rotativo e saques realizados na função crédito).

Cheque especial

Tipo de empréstimo pré-aprovado para o cliente de uma instituição financeira. Disponível em conta-corrente, o limite pode ser utilizado sempre que você não tiver saldo suficiente para pagamentos de contas, cheques, saques em dinheiro, entre outros. Como muitos bancos somam o valor do cheque especial com o valor do saldo na conta, alguns clientes se confundem e pensam que possuem todo aquele dinheiro. Uma leitora me escreveu para contar que gastou todo o dinheiro de seu cheque especial acreditando que tinha aquele montante em conta. Ela se confundiu com a forma apresentada pelo banco. De fato, é de interesse do banco que os clientes paguem os altos juros que cobram. Juro médio do cheque especial ao fim de 2015: **287% ao ano**.

Crédito pessoal não consignado

Tipo de empréstimo concedido sem a exigência de comprovação da finalidade, isto é, sem você precisar dizer no que vai gastar o dinheiro. Juro médio do crédito não consignado ao fim de 2015: **118% ao ano**.

Crédito pessoal consignado

Tipo de empréstimo cujas prestações são descontadas diretamente, todo mês, na folha de pagamento. Assim, a pessoa que contrata um crédito consignado tem subtraída a parcela da dívida diretamente de

seu salário, sua pensão ou sua aposentadoria, até quitar todo o valor do empréstimo. Podem optar por essa modalidade trabalhadores com carteira assinada (CLT), funcionários públicos, e pensionistas ou aposentados do INSS. Existe um limite de 35% do comprometimento da renda, dos quais 5% voltados apenas para quitar dívidas com cartão de crédito, o que inclui saques feitos por meio de cartão. Juro médio do crédito consignado ao fim de 2015: **29% ao ano**.

Empréstimo bancário x financiamento

Empréstimo bancário: É um contrato entre o cliente e a instituição financeira em que o cliente recebe uma quantia que deverá ser devolvida ao banco em prazo determinado, acrescida dos juros acertados. Os recursos obtidos no empréstimo não têm destinação específica.

Financiamento: Também é um contrato entre o cliente e a instituição financeira, mas com destinação específica dos recursos tomados, como a aquisição de veículo ou de bem imóvel. Geralmente o financiamento possui algum tipo de garantia, como, por exemplo, alienação fiduciária ou hipoteca.

Próximos passos

1. Em primeiro lugar, o endividado deve buscar renegociação com seus credores. Antes de tomar outro empréstimo ou buscar agiotas para quitar dívidas antigas, negocie para reduzir o valor da dívida e o percentual dos juros. Na hora de renegociar, barganhe. Você receberá uma proposta para dividir o débito em oito vezes, por exemplo. Em vez de aceitar, sugira o parcelamento em vinte vezes. Quem sabe durante a negociação você não consegue fechar em quinze vezes? Procure a ajuda de grupos de apoio a endividados. O Procon, por exemplo, possui o “Núcleo de Tratamento do Superendividamento”, que tem atendimento presencial e realiza palestras para orientar quem está nessa situação.
2. O segundo passo é buscar fontes de renda extra. No capítulo 16 deste livro, você encontrará algumas inspirações para isso.

3. É imprescindível cortar gastos. Se for preciso, reduza seu padrão de vida temporariamente para que sobre o dinheiro necessário para pagar as dívidas. O esforço vai valer a pena. Você pode mudar para uma casa com aluguel mais baixo. Essa redução do padrão de vida é menos dolorosa do que a eventualidade de você perder 100% de sua casa ou de qualquer outro patrimônio no futuro, para quitar as dívidas. Será mais fácil se os membros da família estiverem cientes da situação. Assim, todos podem se esforçar juntos para reduzir as despesas.

Resumindo

Para que você possa ficar tranquilo em relação às suas dívidas, sugiro que primeiro avalie se sua situação é estável. Depois, respeite os seguintes limites:

- Não tenha dívidas que superem 30% de sua renda.
- Não utilize mais do que 30% do crédito que você tem disponível (em cartões de crédito).

E mais:

- Priorize quitar suas “dívidas de consumo”, que são aquelas assumidas para a compra de bens de consumo que perdem valor ao longo do tempo.
- Tente manter apenas as dívidas saudáveis, que lhe permitem gerar valor com o tempo. Por exemplo: financiamento estudantil, financiamento de imóveis, financiamento para a compra de um equipamento que vai tornar seu pequeno negócio mais produtivo. Ou seja, pegue dinheiro emprestado apenas para “investir” em si mesmo, de forma a aumentar sua produtividade e seus ganhos. Veja que não estou dizendo para investir em produtos financeiros ou na Bolsa de Valores. Dificilmente você ganhará com a aplicação mais do que você pagará com juros.
- Sempre pague o total da fatura do cartão de crédito. Se não pode pagar, não compre.
- Renegocie.

- Considere a possibilidade de tomar um crédito consignado para quitar uma dívida mais cara.

O que analisar antes de se endividar

- Se terá condições de pagar o empréstimo, ou seja, se as prestações cabem em seu orçamento;
- As condições do contrato;
- As taxas de juros cobradas e, principalmente, o chamado Custo Efetivo Total (CET).

O CET é todo o custo envolvido no financiamento, isto é, juros e encargos, como tarifas, tributos e seguros. Todo cliente tem direito a saber o CET, que é expresso na forma de taxa percentual.

5. Colchão de liquidez: primeiro passo para uma vida tranquila

Este quarto pilar é o mais simples, mas é também o mais importante de todos para garantir que sua fortaleza financeira permaneça de pé.

Sem um colchão de liquidez, ficamos vulneráveis e intranquilos. Assim, qualquer surpresa negativa, qualquer emergência ou volatilidade econômica pode prejudicar os demais pilares.

Mas o que é um colchão de liquidez, afinal de contas?

É o dinheiro que você precisa ter em uma aplicação financeira segura e acessível, para que possa resgatá-lo a qualquer momento caso tenha algum problema ou alguma necessidade. É o caso, por exemplo, de um colega que precisou sacar o dinheiro de sua aplicação para comprar um imóvel.

O início da formação do colchão de liquidez é o primeiro passo para quem deseja começar a investir. Estou falando aqui da construção de uma base sólida para seu enriquecimento.

Calculando o valor de seu colchão de liquidez

Para saber qual o tamanho de seu colchão de liquidez, você tem que fazer uma conta simples:

É preciso ter pelo menos seis vezes os seus gastos mensais em seu colchão. Ou seja, o valor necessário para você pagar todas as suas despesas e compras durante um semestre.

Alguns consultores dizem que é preciso ter três meses. Outros dizem que é preciso ter doze meses. Eu acredito que seis meses é um bom parâmetro.

Então some todos os seus gastos mensais atuais e multiplique o resultado por seis. Lembrando que esse cálculo é aproximado e não estamos considerando a inflação.

Para saber qual deve ser o tamanho de seu colchão de liquidez, verifique o valor total de suas despesas mensais e multiplique o resultado por seis. Esse é o valor que você precisa ter em aplicações seguras e com liquidez, para que possa resgatar a qualquer momento se tiver necessidade.

Uma amiga de infância me disse que tem uma despesa total de R\$ 6 mil e R\$ 8 mil investidos em aplicações seguras, com a possibilidade de saque a qualquer momento. Ela tem um emprego estável, o que é muito bom, e comentou que gostaria de começar a investir em ações, para aproveitar oportunidades que enxerga no mercado neste momento. No entanto, estava preocupada com os riscos. Nada impede que ela tenha uma parte de seu patrimônio aplicado na Bolsa de Valores, mas certamente ela teria mais segurança no dia a dia caso já tivesse pelo menos R\$ 36 mil em seu colchão de liquidez.

Imagine que ela compre ações e, em seguida, surjam notícias negativas relacionadas com as companhias investidas. Vamos supor que, de uma hora para outra, suas ações percam 30% de valor e, ao mesmo tempo, ela tenha uma oportunidade de mudar de emprego e de receber uma remuneração maior, mas precise assumir o risco de ser dispensada no período de experiência de trinta dias. Você concorda que ela teria mais tranquilidade para se arriscar no novo emprego caso tivesse formado seu colchão de liquidez de seis meses?

Onde investir

Para quem está formando seu colchão de liquidez, as opções mais sugeridas pelos analistas do Criando Riqueza são o Tesouro Selic (título do Tesouro Direto indexado à Selic), um fundo referenciado DI ou um CDB de seu banco.

Tesouro Direto: Criado em 2002, o Tesouro Direto é um programa do Tesouro Nacional desenvolvido em parceria com a BMF&FBovespa que permite às pessoas físicas a compra e a venda de títulos públicos por meio da internet.

Tesouro Selic

No Tesouro Selic, seu dinheiro vai render o equivalente à taxa Selic. O rendimento terá desconto de Imposto de Renda, da taxa cobrada pela BM&FBovespa (0,5% ao ano, sobre o valor dos títulos) e da taxa cobrada pelo banco ou pela corretora. Algumas corretoras não cobram nada. Independentemente do valor que você tem para investir, o retorno será o mesmo. A liquidez é diária, ou seja, você pode vender o título em qualquer dia e resgatar o dinheiro no dia seguinte.

Esse é o título mais recomendado para quem quer começar a investir no Tesouro Direto. É considerado uma alternativa aos fundos DI e aos CDBs, principalmente para pequenos investidores. Seu valor de mercado apresenta baixa volatilidade, reduzindo as perdas no caso de venda antecipada. É indicado para investidores com um perfil mais conservador.

Vantagens do Tesouro Selic:

- Acessibilidade: aplicação mínima baixa, de menos de R\$ 100;
- Custos baixos que independem do valor aplicado;
- Liquidez: recompra diária permite a venda dos títulos todos os dias;
- Segurança: aplicação financeira de menor risco da economia;
- Facilidade e comodidade: compra e venda feitas pela internet;
- Diversificação: títulos com características e vencimentos distintos;
- Tributação: não há come-cotas.

Desvantagens do Tesouro Selic:

- É preciso investir por meio de uma corretora, que pode ser independente ou do banco. Algumas cobram uma taxa por isso.

Você sabe o que é come-cotas? A cada seis meses, os fundos deduzem o imposto dos cotistas automaticamente, em função do rendimento obtido durante o período, usando a menor alíquota para cada tipo de fundo (15% ou 20%, se for de longo ou curto prazo). Se você ficar menos de dois anos investido no fundo, terá que pagar a diferença de imposto no momento do resgate. O nome da cobrança é come-cotas porque o investidor paga o Imposto de Renda com as próprias cotas que possui do fundo. Ou seja, o IR come parte de suas cotas.

Fundo referenciado DI

No fundo DI, o rendimento será parecido com o do Tesouro Direto, mas você terá que pagar também a taxa de administração ao banco, o que faz com que seu resultado final seja menor do que o do Tesouro Selic. A liquidez dos fundos DI também é diária. Mas sempre confirme essa informação com seu gerente.

No fundo DI, o banco irá basicamente comprar os títulos do Tesouro Direto para compor a carteira e cobrará uma taxa de administração por isso. Esse tipo de fundo tem por obrigatoriedade aplicar no mínimo 95% de seu patrimônio em títulos públicos atrelados à Selic. A fatia remanescente da carteira pode ser destinada a títulos de renda fixa privados (como debêntures). Geralmente, a taxa de administração é muito maior do que a que você pagará se comprar diretamente do Tesouro Direto, por uma corretora independente.

Isso é ainda pior para o pequeno investidor, pois, quanto menor o valor da aplicação inicial, maior tende a ser a taxa de administração do fundo DI do banco (há fundos que cobram quase 4% ao ano). Vale lembrar que o fundo tem também a desvantagem da cobrança de IR via come-cotas.

O come-cotas é uma cobrança automática feita pelos fundos, a cada seis meses, como antecipação do pagamento de impostos.

Vantagens do fundo referenciado DI:

- Aplicação simples;
- Facilidade para fazer resgates com rapidez;
- Liquidez diária;
- Juros aplicados todos os dias;
- Baixo risco.

Desvantagens do fundo referenciado DI:

- Taxa de administração;
- Não tem cobertura do Fundo Garantidor de Créditos (FGC);
- Impostos.

CDB

No CDB, você provavelmente terá um retorno mais baixo, pois os grandes bancos dificilmente pagam 100% do valor do CDI (o que seria bem próximo do rendimento do Tesouro Selic). É bem possível que seu banco pague menos de 90% do CDI. Você pode tentar negociar um retorno maior com seu gerente. Em geral, os bancos pagam mais para quem tem mais dinheiro. Alguns CDBs têm liquidez diária, outros não. Para o colchão de liquidez, só aplique se puder sacar o dinheiro a qualquer momento.

Como o CDB é um título que um banco emite para captar dinheiro, o investimento funciona como um empréstimo que você faz para a instituição financeira. Na maioria das vezes, o CDB é pós-fixado e indexado ao CDI. Mas também pode ser prefixado (negocia-se uma taxa com o banco para remuneração do título) ou intermediário (juros prefixados + variação da inflação).

Vantagens do CDB:

- Rentabilidade costuma ser maior que a da poupança;
- Conveniência e facilidade para aplicar no banco;
- Em contratos pós-fixados, investidor pode se beneficiar de um aumento dos juros;
- Tem garantia do FGC.

Desvantagens do CDB:

- Impostos;
- Rentabilidade varia de acordo com os bancos (negocie as taxas);
- Taxa de administração;
- Nem sempre tem liquidez diária – é preciso verificar.

A importância do colchão

O colchão de liquidez é importante para que nenhum contratempo transforme você em um endividado. Com esse dinheiro, fica-se tranquilo para atravessar momentos de crise, de desemprego e superar imprevistos financeiros diversos.

Lembre-se sempre do seguinte: as dívidas crescem mais rápido do que os investimentos. O juro do cartão de crédito, por exemplo, pode chegar a 700% ao ano.

O colchão de liquidez também é importante para que você tenha tranquilidade em seu dia a dia, inclusive para ser uma pessoa mais produtiva e positiva. Ao eliminar de sua cabeça a preocupação com emergências, você tem mais tempo para pensar em possibilidades de renda extra, por exemplo.

E, por fim, só com seu colchão de liquidez você se sentirá seguro para multiplicar seu patrimônio, investir em aplicações de mais risco e maior retorno ou mesmo empreender.

Ainda não tenho o valor total do colchão. Onde invisto?

Atualmente é possível investir no Tesouro Selic com cerca de R\$ 75, e essa é a opção sugerida pelos analistas do Criando Riqueza. Um título custa, no momento em que escrevo este livro, em torno de R\$ 7,5 mil, mas você pode comprar apenas uma fração (1%). Na hora de comprar, as corretoras de valores permitem que você digite quanto quer investir.

Podemos dizer que o colchão de liquidez é a base do seu processo de construção de riqueza e multiplicação de patrimônio, o que detalho melhor no pilar “Oportunidades financeiras”, no próximo capítulo.

6. Oportunidades financeiras: prepare-se para multiplicar seu patrimônio

O quinto pilar é aquele que vai permitir que você dê grandes saltos e leve sua vida financeira a outro patamar. Você pode, sim, manter sua vida financeira saudável apenas com os quatro pilares anteriores. Mas, sem dúvida alguma, é o quinto pilar que vai permitir que você realize seus sonhos e alcance seus objetivos.

Para aproveitar oportunidades financeiras, é preciso conhecer o mercado de produtos de investimentos e acompanhar os sinais da economia.

A boa notícia é que estamos atravessando um momento de ótimas oportunidades de investimentos no Brasil. Por exemplo: juros altos são ruins por uma série de fatores e trazem inúmeras consequências negativas para a economia brasileira. Por outro lado, permitem ganhos fáceis superiores a 14% ao ano em aplicações indexadas à taxa básica da economia brasileira, a Selic.

Veja bem, não custa repetir: enquanto estiver endividado, seu foco deve ser o pilar número 3. Não poderia jamais sugerir que você negligencie o pagamento de suas dívidas para aproveitar oportunidades no mercado. Primeiro é preciso estar com um nível controlado de alavancagem financeira e com um colchão de liquidez pronto, para então buscar a multiplicação de seu dinheiro. De nada adianta construir patrimônio a uma velocidade de cinco vezes se sua dívida irá consumi-lo a uma velocidade de 20 vezes.

Também não é recomendável partir para as oportunidades financeiras sem antes ter formado um colchão de liquidez. Por isso, reforço a importância do pilar número 4.

No capítulo 7, você encontra um guia simples que apresenta os principais produtos de investimentos em níveis de complexidade. Os capítulos seguintes também estarão relacionados com o quinto pilar, de forma que, ao terminar a leitura, seguramente você terá deixado de ser leigo em investimentos.

7. Complexidade dos investimentos: de 0 a 10

Há diversas outras oportunidades para investir e multiplicar seu patrimônio. O gerente de seu banco provavelmente já lhe ofereceu alguns produtos diferentes, e teremos um capítulo específico apenas para tratar dessa situação. Mas você conhece ao certo cada investimento e sabe diferenciá-los em termos de riscos, retorno, duração e impostos?

Para começar a ajudar você nessa tarefa, contei com o apoio de minha amiga e parceira de trabalho, Beatriz Cutait. Nas próximas páginas, você encontrará um guia com descrições de alguns dos principais tipos de investimentos do mercado brasileiro, distinguindo-os em termos de grau de complexidade.

Poupança – Complexidade 0

Essa é uma velha conhecida sua, com uma conta aberta possivelmente quando você era um recém-nascido.

De fácil entendimento e tida como a mais simples e conservadora das aplicações, a poupança continua a exercer um forte apego sobre a maior parte dos brasileiros. Com proteção do Fundo Garantidor de Créditos (FGC) de até R\$ 250 mil em casos como falência, liquidação ou intervenção da instituição, essa modalidade de aplicação conta com a taxa referencial, a chamada TR, como remuneração básica, acrescida de 0,5% ao mês quando a meta da taxa Selic ao ano superar 8,5% (o que corresponde ao caso atual) ou de 70% dessa meta mensalizada, quando inferior aos 8,5% anuais.

Se, de um lado, a poupança não exige um valor mínimo para aplicação e conta com os benefícios da isenção de Imposto de Renda e da liquidez diária – é possível transferir recursos a qualquer momento para outra conta –, de outro, ela tem a desvantagem de ter a rentabilidade atrelada à sua data de aniversário, ou seja, ao dia do mês de sua abertura. Se for no dia 20, por exemplo, e você sacar os recursos dia 18, deixa de ganhar os rendimentos desse mês corrido.

E, mais importante, os retornos da poupança têm sido ínfimos. Em 2015, a caderneta de poupança rendeu míseros 8,07%, o que significa que nem conseguiu repor a inflação do período, de 10,67%, ou seja, fez seu investidor perder dinheiro.

Fundos referenciados DI – Complexidade 1

Os chamados fundos referenciados DI – agora com nomes diferentes, conforme a nova classificação de fundos da Anbima – contam, assim como a poupança, com liquidez diária.

Também com apelo conservador, essas carteiras são de fácil entendimento, pois oferecem um rendimento próximo ao da Selic. Nada menos que 95% da carteira desses fundos precisam ser compostos por ativos (títulos ou operações) que busquem acompanhar as variações do CDI ou da taxa Selic.

Por isso, aliás, sempre dizemos por aqui que não faz sentido deixar para o banco (e ainda pagar uma taxa de administração por isso) o que você pode fazer sozinho: investir nos títulos Tesouro Selic.

Com baixo risco, já que a maior parte do fundo está alocada em títulos públicos pós-fixados, mais especificamente em Tesouro Selic (antigas LFTs), os fundos DI contam com a incidência de Imposto de Renda, que atualmente varia de 15% a 22,5% ao ano, conforme o prazo investido.

Mas não cabe ao investidor se preocupar com esse tributo, já que o IR é recolhido antecipadamente no último dia útil dos meses de maio e novembro, no sistema come-cotas.

E vale reforçar que você também precisa pagar a taxa de administração da instituição financeira com a qual decidir fazer o investimento, calculada de forma anual e correspondente a um percentual do patrimônio líquido do fundo.

Por fim, se quiser resgatar seu dinheiro em menos de trinta dias, você ainda terá que pagar IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) sobre os rendimentos obtidos, com uma alíquota que varia de 96% a zero conforme o prazo da aplicação.

CDB – Complexidade 2

Além dos fundos DI, você deve estar cansado de ouvir seu gerente do banco falar dos CDBs.

Também vista como uma aplicação de baixo risco, ela significa emprestar dinheiro para seu banco e ser remunerado por isso. Ao investir em Certificados de Depósitos Bancários, você sabe de antemão o prazo e as condições do rendimento. Você pode escolher entre um CDB prefixado, no qual você fica sabendo exatamente quanto vai receber no vencimento e um pós-fixado, com rendimento percentual do CDI. Há também uma opção intermediária, com uma remuneração vinculada à variação do IPCA no período acrescida de juros prefixados na contratação.

O Imposto de Renda, aplicado na hora do resgate ou do vencimento do CDB, segue a tabela regressiva. Não é cobrada taxa de administração, mas, assim como nos fundos DI, você também tem a penalidade do IOF se resgatar seu dinheiro antes de a aplicação completar trinta dias.

Prazo da Aplicação	% de Imposto de Renda sobre o Rendimento Bruto
Até 180 dias	22,5%
De 181 a 360 dias	20%
De 361 a 720 dias	17,5%
Acima de 720 dias	15%

É importante saber que nem todos os CDBs oferecem liquidez diária e cabe a você analisar a solidez da instituição antes de emprestar dinheiro a ela, ainda que esse produto também tenha cobertura do FGC.

LCIs/LCAs – Complexidade 3

Títulos de renda fixa emitidos por bancos para financiar participantes do setor imobiliário e da cadeia do agronegócio, as LCIs (Letras

de Crédito Imobiliário) e as LCAs (Letras de Crédito do Agronegócio) são seis letrinhas que ficaram famosas nos últimos anos, e que agora enfrentam um período de maior escassez nas prateleiras.

Com rendimentos em geral pós-fixados, expressos por um percentual do CDI, prazos definidos no momento da contratação e garantia do FGC, elas foram durante um bom tempo despejadas no mercado e adoradas pelos clientes por conta da isenção tributária sobre os rendimentos.

A oferta já vem caindo em meio ao desaquecimento da economia e, como consequência, os rendimentos fartos estão ficando cada vez mais raros. Para piorar, os produtos passaram a ter, no ano passado, prazo mínimo de resgate de noventa dias.

Tesouro Direto – Complexidade 3

Cada vez mais difundidos entre os investidores, os títulos públicos, aqueles que permitem ao governo se financiar, também figuram no grupo de ativos de renda fixa com forte (e crescente) apelo à pessoa física.

O Tesouro Direto, programa do Tesouro Nacional desenvolvido em parceria com a BM&FBovespa para venda desses papéis para pessoas físicas via internet, democratizou bastante o acesso, principalmente com o anúncio de recompra diária, o que lhe permite vender os títulos a qualquer momento.

Com aplicação mínima baixa, você precisa pagar apenas uma taxa de custódia de 0,30% ao ano sobre o valor dos títulos à BM&FBovespa. A maior parte das instituições que vendem os papéis cobra ainda uma taxa de administração, que chega hoje a até 2% ao ano. Algumas corretoras não cobram taxas, como mostra o site do Tesouro: www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-instituicoes-financeiras-habilitadas.

A tributação dos rendimentos na venda antecipada de títulos, no vencimento dos papéis e também no pagamento de cupons (caso do Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais e do Tesouro Prefixado com Juros Semestrais) segue a tabela regressiva do Imposto de Renda e, portanto, varia de 22,5% a 15%, conforme o prazo do investimento.

Os papéis prefixados – Tesouro Prefixado – permitem que você saiba, no momento da compra, a remuneração que receberá na data do vencimento. Se você vender os títulos antes, receberá um retorno diferente do estipulado. Há ainda o Tesouro Selic, cuja rentabilidade acompanha a taxa Selic, e os papéis atrelados à inflação (Tesouro IPCA+). Nesse último caso, há um componente prefixado, que é “somado” à variação do IPCA.

Coloquei o termo “somado” entre aspas porque, embora a ideia seja de soma, a conta correta é uma multiplicação.

Por exemplo:

Um título Tesouro IPCA+ remunera inflação + 6,60%. Supondo que a inflação do período seja de 10,5%, a conta é:

$$\begin{aligned}(1 + 10,5\%) \times (1 + 6,6\%) - 1 &= \\= (1 + 0,105) \times (1 + 0,066) - 1 &= \\= 1,105 \times 1,066 - 1 &= \\= 1,1779 - 1 &= \\= 0,1779 &= \\= 17,79\% \text{ (resultado correto)} &\end{aligned}$$

Veja que o resultado correto é diferente de $10,5\% + 6,6\% = 17,1\%$ (resultado incorreto)

Ao emprestar dinheiro para o governo, seu risco é o menor possível, já que significa receber um calote da entidade máxima do País. E a vantagem (que pode ser uma desvantagem para os leigos) do Tesouro Direto é permitir que você mesmo faça a gestão do seu investimento, em vez de delegar (e pagar) para gestores de fundos. Essa autonomia possibilita o baixo custo da aplicação, mas é preciso lembrar que, se você decidir vender os papéis antes do vencimento e “errar no timing”, poderá ter perdas. Como os preços variam todos os dias, é possível que, na data da venda, o valor dos títulos esteja inferior ao que você pagou.

Veja no capítulo 11 um “passo a passo” para o investimento no Tesouro Direto e mais detalhes sobre a aplicação.

Dólar – Complexidade 4

“Se você ainda não investe em dólares, sempre é momento de investir.” A frase é de Felipe Miranda, estrategista-chefe da Empiricus Research. A moeda dos Estados Unidos funciona como uma proteção para todo o resto da carteira de investimentos dos brasileiros, que está em reais.

É possível investir em dólares basicamente de três formas: comprando a moeda em espécie em uma corretora de câmbio, aplicando em um fundo cambial ou abrindo uma conta nos Estados Unidos.

Dada a importância do dólar, dediquei o próximo capítulo inteiro para esse tema. Você verá, em detalhes, as principais formas de comprar dólar para viajar e para investir.

Fundos imobiliários – Complexidade 5

Os últimos três anos podem não ter sido animadores para eles, mas os fundos de investimento imobiliários, conhecidos pela sigla FIIs, continuam tendo nas pessoas físicas seu principal público investidor.

A isenção sobre os rendimentos distribuídos – quando respeitadas determinadas condições – é uma das razões por trás do interesse nesse produto de renda variável, com cotas negociadas em Bolsa.

Essas carteiras permitem a você investir no mercado imobiliário a partir de um valor muito menor do que o necessário para a compra direta de um imóvel e delegar para um gestor a administração do empreendimento.

A ideia é receber uma renda regular por meio das receitas geradas pelos ativos do fundo e também poder lucrar com a valorização das cotas negociadas em Bolsa.

Mas, embora muita gente se considere expert no setor, não é tão simples investir nos fundos imobiliários. A liquidez ainda é restrita e é preciso levar em conta que o risco é o de mercado, ou seja, mesmo que os imóveis sejam de boa qualidade e bem geridos, os preços dos fundos podem cair sem grandes explicações, ao sabor do nervosismo de investidores.

O ponto positivo é contar com a gestão de um profissional para administrar seu investimento, mas a escolha de em qual fundo aplicar depende exclusivamente da sua seleção.

Outras vantagens dos FIIs na comparação com o investimento tradicional em imóveis são: “aluguel” maior; isenção fiscal; menor risco; menor burocracia; maior liquidez; custos mais baixos de transação; acesso a todos; gestão profissional; maior qualidade dos imóveis; e incrível potencial de valorização.

Os fundos imobiliários têm entre suas desvantagens a liquidez restrita e o risco de mercado. Por outro lado, entre as vantagens estão a isenção fiscal, a gestão profissional e o potencial de valorização.

Ações – Complexidade 6

Comprar uma ação significa virar sócio de uma empresa. Com preços e liquidez que variam conforme a companhia escolhida, o investimento em uma ação exige que você esteja disposto a correr o risco de ver seu ativo oscilar de preço a cada segundo.

Um mau desempenho da economia tem pesado sobre o mercado acionário de forma generalizada, mas nem sempre há uma explicação lógica para sua ação cair ou subir. Nem todo investidor visa o longo prazo e há um forte componente especulativo que pode prejudicar ou beneficiar seu papel. Cabe a você acompanhar o desempenho financeiro, operacional e dos preços das ações da companhia para monitorar se seu investimento está valendo a pena.

O baixo valor exigido para iniciar a aplicação e os dividendos distribuídos periodicamente, que são dispensados do pagamento de Imposto de Renda, estão entre os atrativos do mercado de ações. É preciso pagar imposto de 15% sobre o ganho de capital apenas na saída do investimento, ou seja, quando você vender as ações, e somente se o resgate superar R\$ 20 mil.

No capítulo 9, você conhecerá algumas maneiras de avaliar e escolher ações para investir.

Opções – Complexidade 10

Esse é o mercado mais complexo dentre os que elencamos para você neste livro.

Também parte do segmento de renda variável, as opções são indicadas para investidores já familiarizados com o mercado de ações e dispostos a correr os riscos inerentes a ele, o que inclui a perda de todo o capital aplicado.

Mas a ideia por trás dessa modalidade é a de proteção, de controle de risco. De forma objetiva, uma opção é um instrumento financeiro derivativo e funciona como um seguro de carro, no qual uma das pontas paga um prêmio e tem um direito, enquanto a outra ponta recebe um prêmio, porém tem uma obrigação. Uma opção representa o direito de compra ou venda de um ativo por preços e prazos predefinidos.

Você pode atuar como “hedger” se seu objetivo for o de limitar os riscos de oscilações de preço ou “especulador” caso queira assumir esse risco.

Nas opções de compra (conhecidas como “calls”), uma das pontas paga o prêmio e tem a opção de comprar uma ação a um preço prefixado, enquanto a outra ponta recebe o prêmio e tem a obrigação de vender essa mesma ação caso a call atinja o preço de exercício. Já nas opções de venda (“puts”), um dos indivíduos paga o prêmio e tem o direito de vender a ação a um valor prefixado, enquanto o outro recebe o prêmio com a obrigação de comprá-la no caso de exercício.

Além do baixo custo (uma opção costuma ser negociada a centavos), uma das principais vantagens desse mercado é oferecer um risco limitado para o comprador, já que sua perda máxima será a do montante investido, e seu potencial de lucro poderá ser muito maior do que esse valor. Do lado oposto, o lançador, ou seja, o investidor que vende a opção e assume os compromissos a ela referentes, precisa ser capaz de cobrir eventuais prejuízos.

8. Como comprar dólar

Uma das dúvidas mais frequentes de meus leitores é: “Ainda vale a pena comprar dólares? A pergunta é perfeitamente cabível. O Brasil viu sua moeda perder muito valor em relação ao dólar nos últimos anos, como você pode ver abaixo.

Data	Cotação do dólar
dez/2011	R\$ 1,86
dez/2012	R\$ 2,04
dez/2013	R\$ 2,36
dez/2014	R\$ 2,67
dez/2015	R\$ 3,95

O dólar terminou 2011 negociado a R\$ 1,86. Valia mais a cada ano, até o grande salto em 2015, quando terminou cotado a R\$ 3,95. Embora o assunto seja mais procurado agora, é sempre importante para os brasileiros.

É provável que você já tenha lido em algum lugar que o dólar é uma forma de fazer um “hedge”. Esse termo em inglês é muito usado no mercado financeiro e quer dizer justamente “proteção”. Vou dar um exemplo simples:

Renato vai viajar aos Estados Unidos daqui a um ano e vai precisar levar dólares. Mesmo que opte por pagar uma parte das contas com cartão de crédito (o que vai lhe custar mais em imposto), seus gastos serão em dólares. Como nunca se sabe o rumo da moeda americana, ele quer se proteger para a eventualidade de uma alta divisa.

Apenas para servir de exemplo, lembro que em janeiro de 2015 o dólar estava em R\$ 2,69. Um ano depois, era cotado a R\$ 4,03, um aumento de 50%. Ou seja, supondo que o custo de uma viagem estava em R\$ 10 mil no início de 2015, um ano depois passou a exigir o desembolso de R\$ 15 mil.

Nenhum economista responsável vai afirmar ao Renato que outra alta dessa magnitude é impossível. Para que ele possa se proteger de

uma situação similar, ele pode investir R\$ 10 mil em fundo cambial. Enquanto isso, ele deve começar a fazer as cotações de preços para as suas férias. Caso o dólar suba, seu dinheiro investido no fundo vai subir também. Caso o dólar caia, ele terá uma perda no montante aplicado no fundo. Por outro lado, pagará menos pela moeda que vai comprar para levar na viagem.

Em geral, consultores financeiros e analistas sugerem que os investidores apliquem no máximo 20% de seu patrimônio em dólar. O percentual exato deve variar de acordo com as particularidades de cada investidor. Por exemplo, caso você pense em morar no exterior e já queira deixar uma porção maior de seu patrimônio na moeda americana, pode colocar mais. Isso também vale para quem tem filhos com planos de estudar nos Estados Unidos, por exemplo. Os consultores financeiros com quem convivo dizem que, em média, sugerem aos seus clientes alocações de 10% do total do dinheiro que possuem para investimentos.

Fundo cambial

Quem já chegou à conclusão de que pretende investir em um fundo cambial, por essa opção ser a mais adequada para seu bolso, em primeiro lugar, precisa olhar o investimento inicial exigido. Assim já é possível filtrar a opção que se enquadra no valor que tem para investir. Em seguida, é importante olhar a taxa de administração. Quanto menor essa taxa, que é como uma “comissão” cobrada pela administração do fundo, melhor. No Brasil, para uma aplicação mínima de R\$ 1 mil, por exemplo, os bancos costumam cobrar taxas que variam de 0,8% a 4%.

Veja mais detalhes na chamada “lâmina” de informações essenciais do fundo, geralmente disponível para download no site de sua corretora de valores. Lá você verá a composição do fundo (quanto do patrimônio é investido em dólares e quanto é investido em outros ativos) e outras informações adicionais. Lá também estará, por exemplo, o retorno obtido nos últimos doze meses. Mas lembre-se sempre de que resultados passados não garantem performances futuras. Essa frase é, talvez, a mais importante de todo o universo dos

investimentos. Jamais tome uma decisão com base em argumentos (de seu gerente de banco, de amigos ou de qualquer outro conselheiro) sobre a rentabilidade passada de um investimento.

Por fim, o investimento em dólar via fundo cambial terá imposto sobre os rendimentos. A regra que vale para esse caso é a da chamada tabela regressiva, que começa com 22,5% dos ganhos e diminui com o passar do tempo. O mínimo é 15%.

Além do fundo cambial, é possível investir em dólares de outras formas: comprando a moeda em espécie em corretora de câmbio, abrindo uma conta nos Estados Unidos ou por meio dos contratos de dólares negociados na BM&FBovespa. Vou falar um pouco mais sobre elas a seguir.

Papel-moeda

Minha sugestão para a compra da moeda em espécie é, antes de tudo, fazer uma pesquisa em corretoras de câmbio para tentar encontrar o melhor preço. Quando vou viajar, costumo ligar ao menos em três corretoras diferentes para ver quanto elas estão cobrando pelo dólar. Outro dia uma colega economista disse que costuma ligar em quatro empresas para fazer sua cotação.

Como essas casas de câmbio vendem o dólar turismo (praticado pelas empresas de turismo), é bom já ficar preparado para ouvir um valor cerca de dez centavos maior do que a cotação do dólar que você vê nos jornais (o dólar comercial). Em geral, depois de pechinchar, consigo uma redução de quatro a seis centavos no valor que foi pedido inicialmente.

No Brasil, as corretoras de câmbio costumam passar primeiro o valor “antes do imposto”, que geralmente é um centavo inferior à cotação com imposto (no caso, o IOF, sigla para Imposto sobre Operações Financeiras, também denominado de Imposto sobre Operações de Crédito, Câmbio e Seguros). Ao longo de um dia, a cotação varia nas corretoras, que acompanham a flutuação do dólar no mercado. É possível que você ligue em uma casa de câmbio pela manhã e encontre um valor bem mais alto ou bem mais baixo à tarde.

A pesquisa de preços é importante principalmente para quem vai comprar um volume maior de dólares. Mas também pode ser feita para quem precisará de quantias menores. Cada real importa em sua construção de riqueza. Lembre-se sempre de que uma economia que você faz hoje, se bem aplicada, vai se multiplicar e certamente será útil no futuro. Por exemplo, pode ser que para US\$ 1 mil você consiga uma economia de R\$ 90. Não é muito. Mas, convenhamos, lhe custou apenas o tempo gasto para telefonar e a ligação em si. As casas de câmbio costumam oferecer os descontos como uma estratégia de fidelizar os clientes. Eles nunca sabem quanto você vai comprar da próxima vez, certo?

Algumas corretoras de câmbio oferecem a entrega de dólares em casa, sem custo adicional. Sempre pergunte se esse serviço está incluso, o que pode lhe poupar algum esforço, além do gasto com transporte e estacionamento. Para fechar a compra, geralmente o procedimento é simples. É preciso abrir uma conta na corretora, o que costuma ser possível com uma ligação telefônica e o envio, por e-mail, de alguns documentos (RG, CPF e comprovante de residência, basicamente). Para concretizar a compra, é necessário fazer uma transferência bancária (TED) para a corretora e enviar o comprovante, por e-mail mesmo.

Para quem já tem uma viagem agendada, é recomendável que a compra de dólares seja feita aos poucos. Dessa forma, ainda que pague preços diferentes pela moeda, ao final, o viajante terá pagado um preço médio.

Para quem já tem uma viagem agendada, consultores financeiros costumam sugerir que a compra de dólares seja feita aos poucos. Dessa forma, você pagará vários preços diferentes pela moeda e, ao final, terá pagado um preço médio. Eu vejo essa estratégia como positiva, pois funciona como uma proteção para que você não se arrependa caso o preço esteja muito mais alto na véspera da viagem.

Há alguns anos, era comum a compra de cartões de viagem que funcionavam no estilo “pré-pago”. Eu me lembro de ter feito algumas reportagens sobre esses cartões quando eles se popularizaram, em meados de 2009. No entanto, alguns anos depois essa solução deixou de ser tão interessante, pois passou a ter o imposto adicional de 6%, que antes era exclusividade do cartão de crédito. Mesmo assim, o cartão “pré-pago” ainda é útil para quem vai estudar fora, por exemplo, e receberá dinheiro periodicamente de sua família no Brasil. Com esses cartões, é possível fazer recargas à distância.

O cartão de crédito, que acaba sendo muito usado nas viagens ao exterior pela praticidade, tem como principal desvantagem a impossibilidade de se prever quanto você vai pagar pelo dólar, já que a cotação que o banco vai cobrar é a do dia do fechamento da fatura do cartão. Por outro lado, tem a vantagem do acúmulo de pontos no programa de milhagem.

Uma dica importante para quem vai comprar dólares em espécie – isso vale também para outras moedas – é nunca deixar para comprar no aeroporto. As lojas de câmbio e os bancos de aeroportos costumam cobrar taxas, que podem ser fixas ou comissões. Um tempo atrás fui a todas as casas de câmbio do aeroporto internacional de Guarulhos e perguntei uma a uma. As taxas de administração costumam variar de R\$ 15 a R\$ 60 por operação. O preço do dólar também costuma ser mais alto do que o que você encontra fora do aeroporto.

Abrir uma conta nos EUA

Uma terceira maneira de investir em dólares é a abertura de uma conta nos Estados Unidos. Existe a possibilidade de fazer isso durante uma viagem aos EUA, indo até uma agência bancária local, embora isso esteja mais difícil hoje do que foi no passado. Por esse caminho, o banco não costuma exigir um depósito inicial alto. Uma desvantagem é o acesso a produtos de investimentos do banco, em geral, restrito às opções mais básicas e com menores retornos. O tratamento que você vai receber provavelmente será semelhante ao que tem com um gerente de uma conta básica no Brasil.

Caso você tenha conta, aqui no Brasil, em um banco internacional, pode ser que consiga abrir uma conta no exterior pelo mesmo banco. Nesse caso, a vantagem é poder receber um atendimento melhor do gerente, com mais atenção. A variedade de aplicações também é maior, o que significa que seus dólares podem ser aplicados de forma a render mais. Mas como “não existe almoço grátis”, o aporte inicial é o complicador: costuma ser alto. O banco pode exigir US\$ 100 mil ou US\$ 200 mil, por exemplo. Em todos esses casos, você poderá fazer remessas de dinheiro de vez em quando. Sugiro o aconselhamento com um contador especializado ou advogado, para que tudo seja feito conforme a lei. Se fizer uma viagem, poderá usar um cartão de débito para seus gastos, evitando o IOF do cartão de crédito e do pré-pago das casas de câmbio brasileiras.

BDR, fundos multimercado e minicontratos de dólar

Com uma busca básica no Google, você verá entre as formas de investimento em dólares a compra dos chamados BDRs, sigla para Brazilian Depositary Receipts, que são recibos de ações de empresas estrangeiras negociados na Bolsa de Valores brasileira. No entanto, essa estratégia pode ser mais complexa do que eficaz. Além disso, não é exatamente um investimento em dólares, mas sim em ações de empresas, que oscilam conforme uma série de variáveis. Se você tem hábito e aptidão para fazer esses tipos de aplicações, tudo bem, siga em frente.

Também é necessária uma experiência maior no mercado para o investimento em minicontratos de dólar negociados na BM&FBovespa. Operar contratos futuros de dólar é uma opção de investimento voltada para o curto prazo, muito mais indicada para investidores dedicados ou profissionais. Isso porque essa alternativa exige mais atenção e acompanhamento do investidor. Cada contrato tem um vencimento e você precisa decidir qual o mais adequado para a sua estratégia. Além disso, nem todos têm a mesma liquidez, portanto, se você quiser fazer uma posição de longo prazo, pode ser penalizado na saída, na hora da vender. As corretoras, seguindo as nor-

mas da Bolsa, exigem que os investidores depositem uma margem de garantia e atualizam isso diariamente, com o chamado “ajuste diário”. Como todo investimento em derivativos, você deve recolher o imposto via Darf, sempre que auferir lucro nas operações.

Também há quem defenda os fundos multimercado como opção de investimento em dólar. De fato, pode ser um caminho. Mas esses fundos, como o nome já diz, aplicam em vários tipos de mercados. Assim, pode ser que a exposição em dólares seja mínima.

9. Introdução a algumas formas de avaliar uma ação

Como um exemplo de oportunidade de investimentos, escolhi para um detalhamento maior neste livro o mercado de ações.

Antes de começar, deixo três razões para que você perceba a importância de ler sobre o assunto, mesmo que não se sinta confortável em investir neste mercado.

1. É essencial saber sobre ações para avaliar se esse mercado serve para você. E, se servir, para saber aproveitar as oportunidades.
2. É útil conhecer as ações para que você saiba argumentar quando seu gerente de banco oferecer um produto financeiro que invista em renda variável.
3. Aqui no Criando Riqueza nós gostamos de comparar os diferentes estilos de investimentos. Saber um pouco sobre Bolsa de Valores ajudará nesses exercícios.

Para tratar desse tema, vou contar como os experts escolhem as ações para investir. E não há apenas um caminho, uma metodologia, mas sim diversas formas de escolha. Cada pessoa pode se identificar mais com uma delas.

Em primeiro lugar, existe uma divisão entre a “análise técnica”, que estuda os gráficos, e a “análise fundamentalista”, que avalia diversos aspectos do ambiente interno e externo da empresa.

Vou dar alguns exemplos com enfoque em análise fundamentalista. Para escrever este texto, recorri ao trabalho dos analistas da Empiricus. Olhei seus relatórios, observei como trabalham e perguntei a alguns deles como eles selecionam as ações que recomendam aos assinantes. Mas saiba de antemão que não farei aqui uma análise aprofundada, pois precisaríamos escrever um livro só para isso.

Pechinchando

Vou começar pelo investimento em ações baratas. Parece óbvio pensar assim, certo? Mas isso não é tão simples.

Eu, particularmente, gosto muito dessa estratégia. Para saber se uma ação está barata ou cara, não basta olhar a cotação e concluir: Pão de Açúcar é uma empresa cara, pois tem uma ação que custa R\$ 55 (por exemplo). Ou então a fabricante de produtos de cobre Paranaparena é uma empresa barata, pois está cotada a R\$ 2 na BM&FBovespa.

A avaliação de “barato” ou “caro” no universo das ações depende do cálculo do valor “justo” da ação. O analista busca empresas que valem mais do que estão precificadas. Isto é, que mereceriam estar mais caras. A ideia é a seguinte: a ação está barata e, em algum momento, o mercado vai se mover no sentido do preço justo.

Esse tipo de avaliação também considera o cálculo dos chamados “múltiplos”. Estou falando de indicadores que medem, por exemplo, a relação entre o preço da ação e o lucro (chamado de P/L ou P/E, em inglês). Pode ser também o preço da ação, o lucro da empresa e o crescimento esperado para a empresa (múltiplo PEG, na sigla em inglês). Há diversos outros múltiplos no mercado.

Em seu trabalho, o analista observa os fundamentos e os resultados das empresas para ver se os retornos são bons. Uma forma de medir a relação entre o lucro e o patrimônio da empresa (chamado de ROE, retorno sobre o Patrimônio Líquido). Ele também olha se são empresas sólidas e com boa gestão. Não basta encontrar uma ação barata. É preciso encontrar uma empresa “premium” a preço de banana. Esse tipo de análise é bastante fundamentada no chamado “value investing”, uma abordagem de investimento que tem entre seus maiores expoentes nomes como Benjamin Graham e Warren Buffett, muito citados no mercado financeiro.

Dividendos

Outra forma de investir em ações – também seguida por muitos investidores conservadores – é a seleção de empresas que são boas paga-

doras de dividendos. Você já deve ter ouvido antes essa expressão que citei: “boas pagadoras de dividendos”. Mas sabe o que isso significa?

Dividendos são uma parcela do lucro da empresa. Todos os detentores das ações têm direito a receber dividendos, em dinheiro mesmo, na proporção em que participam no capital da companhia. A distribuição desse pagamento segue algumas regras no mercado.

Essa estratégia de investimento é baseada na ideia de que o acionista pode ter a garantia de um ganho recorrente independentemente da variação da ação.

Nesse tipo de análise, é importante que a empresa se comprometa a pagar menos dividendos do que os lucros que ela gera para que tenha uma gordura em épocas de vacas magras.

No seu dia a dia, o analista que cuida de uma carteira de dividendos observa se as companhias têm em seu histórico um bom “dividend yield” (múltiplo que mede a relação entre o quanto a empresa paga em dividendos e o preço da ação).

Ele também verifica se são sólidas, se têm poucas dívidas, rentabilidade constante e previsibilidade de lucro.

Empresas que estão em setores mais regulados – como elétrico, bancário e de saneamento – tendem a ter resultados mais previsíveis. Isso, em tese, eleva as chances de que sejam boas pagadoras de dividendos. Mas é preciso olhar caso a caso.

Micros

Outro estilo de aposta em ações é o investimento em companhias menores e com maior potencial de valorização.

O trabalho do analista, neste caso, pode ser resumido em estudar os balanços financeiros das empresas para saber se companhias pequenas têm potencial para se tornar grandes.

É importante identificar se as empresas têm chances de encontrar, em breve, um grande impulsionador ou gatilho para seus negócios. Ou seja, o analista procura companhias que têm potencial para dar uma boa encorpada. Isso pode acontecer também por meio de aquisições de outras empresas.

Outro foco de análise é o histórico de estabilidade de resultados. Não adianta ter lucro, depois prejuízo, depois lucro, depois prejuízo.

O analista também avalia o valor da dívida das empresas e compara com a capacidade que elas têm de gerar caixa. Usando o jargão do mercado, isso quer dizer que ele busca companhias com “baixa alavancagem”.

Quanto dinheiro posso investir em ações?

Em primeiro lugar, é preciso ver os custos de transação do investimento em ações, que variam de corretora para corretora. Por exemplo: supondo que sua corretora cobre R\$ 10 por ordem de compra e outros R\$ 10 por ordem de venda, já são R\$ 20 de custos para entrar e sair de uma ação.

Nesse contexto, não vale a pena aplicar algo como R\$ 2 mil para deixar 1% na mão da corretora. Além disso, é necessário observar o lote padrão de negociação em Bolsa, composto por cem ações. Dados os custos de transação e a liquidez do mercado, convém comprar ações em lotes múltiplos de cem. Portanto, quando você olha para o preço de uma ação deve multiplicar por cem e ver se cabe no bolso.

Acompanhe as empresas

Quem pretende investir em ações deve seguir o limite máximo de 20% do seu dinheiro, como sugerem os analistas da Empiricus. Os mais conservadores devem ficar nos 5%. Na minha opinião, o ideal é navegar nos sites das empresas para que você possa, aos poucos, ter sua própria percepção. As companhias listadas na Bolsa têm sempre uma área de “Relações com Investidores”. Nesses sites, elas publicam seus balanços financeiros e suas apresentações. Há diversos materiais interessantes para o investidor interessado.

10. Como investir para o futuro dos filhos

Algumas vezes aceitamos gastar um pouco mais em um produto ou serviço em troca de facilidade e conforto. Quando estou com muita pressa, não me importo de parar o carro no estacionamento VIP do shopping e pagar R\$ 5 a mais por isso, por exemplo. Mas para construir riqueza é importante ter ideia da dimensão das perdas financeiras que temos com a desculpa de obter um conforto maior.

Em alguns casos, o custo adicional se justifica. Em outros, a opção por uma saída mais fácil gera uma perda enorme. Esses hábitos precisam ser evitados. Como investir na poupança para o futuro de seu filho.

Quantas pessoas deixam o dinheiro na poupança porque é mais simples, mais prático e mais cômodo? Felizmente, cada vez menos gente. Mas o número ainda é grande. Aposto que você conhece alguém que pensa assim.

Para construir riqueza é importante ter ideia da dimensão das perdas financeiras que temos com a desculpa de obter um conforto maior.

Em vinte anos, esse conforto pode custar R\$ 53,5 mil reais. Um pouco desconfortável para quem busca conforto, não? Esse foi o resultado a que chegamos ao comparar a aplicação de R\$ 10 mil na poupança e no Tesouro Direto até o ano de 2035.

Consideramos uma rentabilidade média de 6,5% ao ano para a poupança e um título Tesouro IPCA+ 2035. Fomos conservadores nas contas e utilizamos um retorno médio de 12,35% ao ano para esse título, 7% ao ano de taxa garantida pelo Tesouro Direto e 5% ao ano de IPCA.

Se você aplicar hoje R\$ 10 mil na poupança para seu filho, sobrinho, neto, afilhado ou qualquer outra criança, terá aproximadamente R\$ 35 mil em 2035. Enquanto isso, suponha que um amigo vai

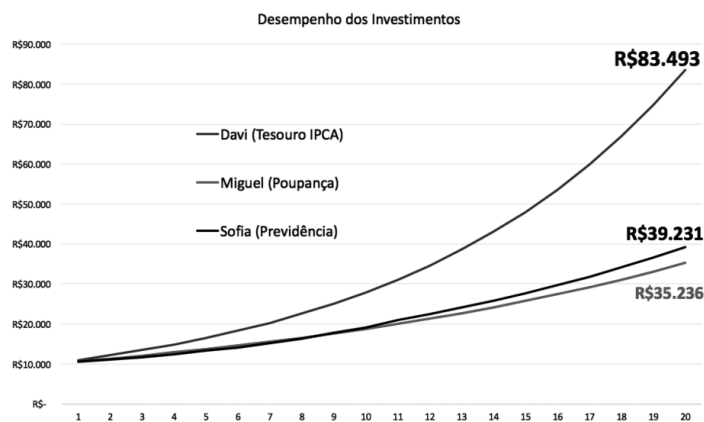
aplicar R\$ 10 mil no Tesouro IPCA+ 2035. O filho dele terá cerca de R\$ 89 mil daqui a vinte anos. Na minha opinião, uma diferença expressiva como essa não pode ser ignorada.

É um pouco trabalhoso abrir uma conta para a criança em uma corretora e investir no Tesouro, não vou esconder isso de você. Mas o esforço vale a pena. Logo a seguir, você saberá como fazer. Veja o gráfico em que ilustramos os exemplos de três investimentos diferentes para três crianças diferentes. Além da poupança e do Tesouro, já citados acima, calculamos também uma curva para previdência, produto muito oferecido pelo gerente do banco.

Tesouro IPCA+ (Davi)

Poupança (Miguel)

Previdência (Sofia)



Consideramos para a previdência um plano VGBL, que tem Imposto de Renda de 10% a partir do décimo ano de aplicação.

Diante de uma diferença tão gritante e das características dos produtos de investimentos disponíveis, não é difícil perceber por que o Tesouro IPCA+ 2035 é a aplicação sugerida por analistas do Criando

Riqueza e da Empiricus para a “poupança” da criança (aqui, uso o termo poupança no sentido de dinheiro poupado e investido).

É possível – mas não recomendado – retirar o dinheiro antes da data de vencimento do título. Isso pode ser feito a qualquer dia. No entanto, é preciso lembrar que o resgate antes do vencimento pode levar a uma perda, pois o preço do título IPCA+ varia de acordo com expectativas para a inflação, podendo oscilar negativamente.

Além disso, o ideal é não tirar antes de dois anos (porque o Imposto de Renda é mais alto até esse período) e aguardar o vencimento.

Na prática: como investir no Tesouro Direto para os filhos

É possível investir no Tesouro pela plataforma do banco em que você já possui uma conta bancária, acessando o internet banking. Mas os bancos costumam cobrar uma taxa de administração alta, como já comentei em capítulo anterior. Além disso, dificilmente os gerentes vão oferecer o Tesouro Direto para os clientes, pois o produto não traz retornos interessantes para o banco.

Outra opção é abrir uma conta para a criança em uma corretora de valores.

Liguei em algumas delas para saber quais os procedimentos necessários. Em geral, é preciso que a criança já tenha CPF e que tenha uma conta corrente em banco, mesmo que seja conjunta com os pais. Algumas corretoras podem pedir documentos adicionais.

Providenciar esses documentos e a conta pode dar trabalho? Sim. Mas, de novo, é um trabalho que valerá a pena financeiramente no longo prazo.

É possível abrir uma conta na corretora pela internet. Basta preencher umas fichas e fazer upload de alguns documentos. Depois é necessário fazer uma TED (ou um DOC) do dinheiro da sua conta no banco para a sua conta na corretora.

Feita a transferência, é preciso entrar no site da corretora, fazer o seu login e buscar a opção de compra de Tesouro Direto. Todo mês, quando você quiser aplicar mais, o procedimento é o mesmo: fazer

a transferência e comprar mais títulos no site da corretora. O ideal é ter isenção de taxas para fazer a TED ou o DOC. Mas os bancos não facilitam a vida dos pequenos investidores. Em geral, exigem que você deixe um valor mínimo aplicado no próprio banco (em um CDB, por exemplo) para ter isenção de tarifas e taxas para transferências. Alguns exigem R\$ 50 mil, outros R\$ 80 mil, por exemplo.

Portanto, não podemos negar que o custo para fazer a transferência acaba sendo uma desvantagem. Ainda assim, sugerimos essa opção, inclusive para facilitar a cultura de investimentos com objetivos diferentes.

A conta na corretora para a criança pode ajudar na educação financeira quando ela crescer um pouco mais. Além disso, é uma forma de ajudar a distinguir o dinheiro do investimento da criança do dinheiro dos pais.

Entre as vantagens de investir pela corretora está também o acesso a produtos de investimentos melhores. No banco, a dura realidade é a seguinte: só quem tem muito dinheiro para investir pode acessar os melhores produtos financeiros, com altas rentabilidades e taxas baixas.

Quem tem quantias menores costuma sofrer mais para conseguir um bom negócio no banco. No final das contas, acaba recebendo do gerente apenas ofertas de “micos”, como planos de previdência ruins, títulos de capitalização, consórcios, entre outras.

Enquanto isso, as corretoras de valores distribuem produtos de diversos bancos. Oferecem plataformas de investimento em ações e até incentivam o Tesouro Direto, inclusive como uma forma de atrair mais clientes.

E se a corretora quebrar?

Isso não é motivo de preocupação. O seu dinheiro não fica em posse da corretora. Ela é apenas intermediária. A aplicação feita em títulos do Tesouro Direto – e também em outros tipos de aplicações – fica registrada em seu nome nas instituições de registros, como a Cetip. Se a corretora quebrar, você indica outra instituição para o Tesouro Direto.

Carteirinha de Ações

Como estamos falando de investimento para objetivos de longo prazo, os pais também podem colocar um pouco do dinheiro do futuro dos filhos em ações. Sou favorável ao investimento de uma parte do dinheiro no mercado acionário para os investidores que suportam perdas.

Pedi a ajuda de um analista da Empiricus chamado Max Bohm para selecionar – apenas como exemplo para este texto – um pequeno grupo de empresas para compor uma hipotética Carteirinha de Ações.

Eu disse a ele que o investimento é de longo prazo e citei alguns exemplos de objetivos para o dinheiro em um horizonte de quinze a vinte anos, como o pagamento de um intercâmbio, de uma faculdade, a compra de um carro ou mesmo a entrada em um apartamento. O ideal seria que os pais ajudassem a criança a desenvolver o gosto pelo universo financeiro e, assim que chegasse a hora de receber esse presente, que ela continuasse a investir o dinheiro. Aqui está a sugestão do Max para usarmos como exemplo (e não como recomendação): Itausa, Kroton, Ambev, Natura, BR Foods e Cielo. Lembrando que a seleção foi feita no momento que em produzimos o livro. Para que servisse como recomendação, seria necessário reavaliar o preço, já que a cotação também deve influenciar na decisão de compra.

11. Passo a passo para investir no Tesouro Direto

A essa altura, você já deve ter bem claro em sua mente que a poupança não deve ser considerada um bom investimento, nem mesmo para a formação de seu colchão de liquidez. Embora os bancos abussem de propagandas tentando convencê-lo a deixar dinheiro na poupança, você já percebeu que os rendimentos são insuficientes para compensar a inflação no momento em que escrevo este livro (superior a 10% ao ano).

O Tesouro Direto surge como uma alternativa para que os brasileiros tenham retornos bem maiores do que o oferecido pela poupança, com maior segurança, facilidade de aplicação e possibilidade de resgate rápido – no jargão do mercado, em D+1, o que significa no dia seguinte à venda.

Veja agora um passo a passo para o primeiro investimento no Tesouro Direto:

1. O primeiro passo é ter CPF e conta-corrente em um banco.

2. Em seguida, você precisa escolher uma instituição financeira para intermediar suas transações com o Tesouro Direto. Atualmente, há setenta bancos e corretoras habilitados, que são responsáveis por realizar o cadastro dos investidores com a BM&FBOvespa e intermediar a transferência dos recursos financeiros e títulos.

Pode ser, inclusive, o banco no qual você tem conta-corrente. No entanto, os grandes bancos costumam cobrar uma taxa de administração mais alta para o investimento no Tesouro Direto. Além disso, dificilmente os gerentes vão oferecer essa aplicação para os clientes, pois o produto não traz retornos interessantes para a instituição financeira.

Você pode consultar a lista completa de instituições cadastradas neste link: www.tesouro.fazenda.gov.br/web/stn/tesouro-direto-instituicoes-financeiras-habilitadas. Você verá as taxas cobradas, que variam de zero a 2% ao ano. Observe que quatro instituições isentam o investidor de tarifas de administração.

Para facilitar, você pode escolher um agente de custódia que possui sistema integrado ao do Tesouro Direto (atualmente 34 são agentes integrados). Nesse caso, as compras e vendas dos títulos podem ser feitas diretamente no site da corretora (ou do banco, se for o caso).

3. Entre em contato com a corretora escolhida e solicite seu cadastramento. Isso pode ser feito pela internet. Você deverá fornecer a documentação necessária (normalmente o CPF basta) para que essa instituição abra uma conta em seu nome para operar com o Tesouro Direto.

Você terá, assim, uma conta de custódia na Bolsa, em seu nome. É nela que ficam guardados seus títulos públicos, registrados também sob sua titularidade, o que lhe permite mudar de corretora se desejar. Essa etapa pode dar algum trabalho, mas o esforço valerá a pena no longo prazo.

4. Utilize a senha provisória que será enviada pela BM&FBovespa para o primeiro acesso à área restrita do Tesouro Direto, na qual são realizadas operações de compra e venda de títulos públicos, além de consultas a saldos e extratos. Troque a senha provisória por uma nova que deverá conter entre oito e dezesseis dígitos, composta por letras, números e caracteres especiais.

Você tem três opções para investir: diretamente pelo site do Tesouro Direto; por meio do site de sua instituição financeira, se ela for um agente integrado; ou autorizando a instituição a negociar os títulos em seu nome, se ela oferecer essa possibilidade.

Se você for operar por uma corretora independente ou diferente da do seu banco, vai precisar fazer uma TED (ou um DOC) para transferir para a instituição financeira os recursos destinados à aplicação.

5 - Feita a transferência, é preciso entrar no site da corretora, fazer seu login e buscar a opção de compra de Tesouro Direto. Selecione os papéis que deseja adquirir. Faça simulações no site do Tesouro Direto: (www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-calculadora) e acompanhe as newsletters e os relatórios do Criando Riqueza para ver quais títulos indicamos a cada momento.

Todo mês, quando você quiser aplicar mais, o procedimento é o mesmo: fazer a transferência para sua conta na corretora e comprar mais títulos pelo site.

Investimento democrático

Costumamos dizer que o Tesouro Direto é a aplicação mais democrática que temos. Por duas razões:

1. É possível começar com pouco dinheiro

Atualmente, um dos títulos que costuma ser indicado para a poupança das crianças custa em torno de R\$ 700. Trata-se do Tesouro IPCA+ 2035. Mas você não precisa comprar um título inteiro de uma vez. Sempre é possível comprar frações, como 0,01 de um título.

2. A rentabilidade é a mesma para qualquer investidor

Diferentemente do que fazem os bancos, o Tesouro Nacional não distingue os investidores pelo patrimônio que têm. Quem tem R\$ 1 mil para investir no Tesouro Direto terá a mesma rentabilidade de quem tem R\$ 1 milhão ou R\$ 10 milhões. E esses milionários investem, sim, uma parte de seu dinheiro no Tesouro Direto.

Os três tipos de títulos

O Tesouro Direto oferece três tipos de títulos:

1. *Tesouro Selic*

É um título público pós-fixado, emitido pelo Tesouro Nacional, cuja rentabilidade segue a variação da taxa Selic, a taxa de juros básica da economia.

Esse título possui rentabilidade diária, e seu valor de mercado, por acompanhar a taxa Selic, apresenta baixa volatilidade, evitando perdas no caso de venda antecipada.

Ou seja, o investidor não corre o risco de perder dinheiro se precisar resgatar o título antes da data de vencimento. Já a rentabi-

lidade da poupança ocorre apenas nos “aniversários” – de mês em mês – após a data de aplicação, o que gera perda de rendimentos para quem resgatar antes da data de aniversário.

Nos títulos do Tesouro Direto há incidência de Imposto de Renda (retido na fonte), o que não ocorre na poupança, mas mesmo assim sua rentabilidade continua bem mais atrativa do que na caderneta. A alíquota de IR é regressiva, ou seja, diminui com o tempo, conforme a tabela abaixo, utilizada anteriormente neste livro:

Prazo da Aplicação	% de Imposto de Renda sobre o Rendimento Bruto
Até 180 dias	22,5%
De 181 a 360 dias	20%
De 361 a 720 dias	17,5%
Acima de 720 dias	15%

Fazendo uma simulação de um investimento no título Tesouro Selic, pelo prazo de um ano, por uma corretora que cobra 0,1% ao ano de taxa de administração, e supondo uma taxa Selic de 14,25% a.a., chegamos à rentabilidade líquida de 11,40% ao ano, já descontadas as taxas da corretora e da Bolsa de Valores e o Imposto de Renda.

2. Tesouro Prefixado

Neste caso, você sabe exatamente a rentabilidade que irá receber se mantiver o título até a data de vencimento.

Para cada unidade de título, o valor bruto a ser recebido no vencimento é de R\$ 1 mil. Como podemos ver na tabela da página 89, o título Tesouro Prefixado com vencimento em 2021, por exemplo, tem o preço de R\$ 514,58 e oferece retorno de 14,84% ao ano. Essa é a taxa necessária para o título chegar no valor de R\$ 1 mil no vencimento.

Veja um exemplo da tabela do site do Tesouro Direto com as taxas e os preços dos títulos públicos.

A quantidade mínima de compra é a fração de 0,01 título, ou seja, 1% do valor de um título, desde que respeitado o valor mínimo de

R\$ 30. O investidor pode comprar 0,01 título; 0,02 título; 0,03 título; e assim por diante.

Atualmente, as taxas oferecidas para os prefixados são consideradas atrativas pelos analistas do mercado, pensando no investimento de longo prazo, superior a dois anos. Você pode optar por títulos com pagamento de juros semestrais ou com resgate apenas no vencimento.

Analistas da Empiricus recomendam escolher o prazo que mais se ajusta ao seu plano de investimento. Também sugerimos manter os títulos até o vencimento, pois apesar de possuir liquidez diária, o preço do título é marcado a mercado – o que significa dizer que pode flutuar tanto para cima como para baixo. Assim, o investidor poderá ser penalizado em resgates antecipados.

3. Tesouro IPCA+

Esse título proporciona rentabilidade real, ou seja, garante o aumento do poder de compra do seu dinheiro, pois seu rendimento é composto por duas parcelas: uma taxa de juros prefixada mais a variação da inflação (IPCA).

Desse modo, independentemente da variação da inflação, a rentabilidade bruta do título sempre será superior a ela. O retorno real, nesse caso, é dado pela taxa de juros prefixada, contratada no momento da compra do título.

Assim como nos prefixados, você pode optar por títulos com pagamento de juros semestrais ou com resgate apenas no vencimento. No momento em que escrevo estas linhas, é possível verificar na tabela da página 89 que os títulos indexados ao IPCA estão pagando taxas de retorno próximas de 7% ao ano + a variação do IPCA, uma ótima taxa para compra com objetivo de longo prazo.

Para investir, é recomendado por analistas escolher o prazo que mais se ajusta ao seu plano de investimento e também sugerimos manter os títulos até seu vencimento, pois assim, como no caso do prefixado, apesar de possuir liquidez diária, o preço do título é marcado a mercado. Assim, o investidor poderá ser penalizado em resgates antecipados.

Preços e taxas dos títulos públicos disponíveis para compra

Título

Indexados ao IPCA

Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2017 (NTNB)

Tesouro IPCA+ 2019 (NTNB Princ)

Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2020 (NTNB)

Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2024 (NTNB)

Tesouro IPCA+ 2024 (NTNB Princ)

Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2026 (NTNB)

Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2035 (NTNB)

Tesouro IPCA+ 2035 (NTNB Princ)

Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2045 (NTNB)

Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2050 (NTNB)

Prefixados

Tesouro Prefixado com Juros Semestrais 2017 (NTNF)

Tesouro Prefixado 2017 (LTN)

Tesouro Prefixado 2018 (LTN)

Tesouro Prefixado 2019 (LTN)

Tesouro Prefixado 2021 (LTN)

Tesouro Prefixado com Juros Semestrais 2021 (NTNF)

Tesouro Prefixado com Juros Semestrais 2023 (NTNF)

Tesouro Prefixado 2023 (LTN)

Tesouro Prefixado com Juros Semestrais 2025 (NTNF)

Tesouro Prefixado com Juros Semestrais 2027 (NTNF)

Indexados à Taxa Selic

Tesouro Selic 2017 (LFT)

Tesouro Selic 2021 (LFT)

Passo a passo para investir no Tesouro Direto

Vencimento	Taxa % a.a.		Preço Unitário Dia	
	Compra	Venda	Compra	Venda
5/15/2017	-	6,6	-	R\$ 2.874,15
5/15/2019	6,42	6,46	R\$2.331,89	R\$ 2.329,12
8/15/2020	-	6,47	-	R\$ 2.801,98
8/15/2024	6,87	6,89	-	R\$ 2.698,38
8/15/2024		6,93	R\$1.624,23	R\$ 1.616,59
8/15/2026		6,9	R\$ 2.685,84	R\$ 2.670,22
5/15/2035		6,96	R\$ 2.640,40	R\$ 2.618,64
5/15/2035	6,94	7,02	R\$ 787,33	R\$ 776,15
5/15/2045	-	7,02	-	R\$ 2.548,64
8/15/2050	6,91	7,01	R\$ 2.525,35	R\$ 2.492,81
1/1/2017	-	14,11	-	R\$ 987,84
1/1/2017	-	14,08	-	R\$ 897,44
1/1/2018	-	14,39	-	R\$ 784,05
1/1/2019	14,7	14,76	R\$ 680,96	R\$ 679,97
1/1/2021	-	14,84	-	R\$ 514,58
1/1/2021	-	14,75	-	R\$ 866,59
1/1/2023	-	14,87	-	R\$ 823,88
1/1/2023	14,29	14,98	R\$ 388,77	R\$ 387,38
1/1/2025	-	14,98	-	R\$ 789,72
1/1/2027	15,05	15,11	R\$ 763,85	R\$ 761,43
3/1/2017	-	0,02	-	R\$ 7.579,59
3/7/2021	0,01	0,05	R\$ 7.577,35	R\$ 7.562,36

Há outras opções de investimentos para crianças em renda fixa, como as letras de crédito LCI e LCA. No entanto, os prazos dessas aplicações costumam ser mais curtos do que os objetivos traçados para o dinheiro. Isso exigirá dos pais um acompanhamento maior, pois assim que os vencimentos chegarem será preciso reinvestir em outros produtos.

12. As perguntas que você deve fazer no banco

Já ouvi dezenas de histórias de pessoas que aplicaram o dinheiro em algum produto apenas para agradar ao gerente do banco – sem nem mesmo entender quais seriam os custos, os impostos e as condições de resgate.

De longe, a pergunta que mais recebo dos leitores é alguma variação desta: “Tenho dinheiro em um plano de previdência. Devo sacar e colocar no Tesouro Direto?” Essa questão, na maior parte das vezes, é consequência de um plano que não se encaixou muito bem no perfil do investidor. Alguns leitores dizem que o plano foi adquirido para “ajudar o gerente”. Outros apenas comentam que não entenderam bem as condições quando começaram a aplicar.

Meu papel, aqui neste livro, não é atacar o gerente do banco. Ele está fazendo o trabalho dele e está agindo conforme as regulamentações do mercado. Mas ele tem metas para cumprir, assim como profissionais de outras áreas.

É perfeitamente aceitável a ideia de que o gerente precisa vender produtos bancários aos seus clientes. Errado é o cliente aceitar as ofertas do banco sem saber o que está fazendo. Você precisa saber fazer as perguntas corretas. Oras, você não entra em uma loja de eletrônicos e compra um equipamento sem saber para que serve, não é mesmo?

Antes de adquirir um produto, qualquer que seja, perguntamos como funciona, qual será o custo de manutenção, quanto tempo ele vai durar etc. E fazemos pesquisas de preço antes de fechar a compra. Para os produtos bancários vale a mesma lógica.

Você é o cliente do banco e tem o direito de perguntar o quanto quiser, mesmo que não entenda absolutamente nada de economia, taxas de juros, taxas de administração, carregamento e qualquer outro termo que surgir durante a negociação.

Nunca se acanhe. Só invista seu dinheiro em um produto se você estiver realmente tranquilo com a ideia. Não vale a pena ir para casa com a sensação de que fez um mau negócio. Afinal de contas, é o seu dinheiro em jogo.

É perfeitamente aceitável a ideia de que o gerente precisa vender produtos bancários aos seus clientes. Errado é o cliente aceitar as ofertas do banco sem saber o que está fazendo. Você precisa saber fazer as perguntas corretas.

Se você pretende construir um patrimônio, precisa parar de perder dinheiro com produtos financeiros – e também com serviços financeiros – que não são adequados para você. Se não precisa de um seguro de proteção do cartão de crédito, não pague.

Alguns bancos fazem a cobrança direto na fatura. Geralmente são valores pequenos, como R\$ 4,20 por mês. Se você não solicitou, pode ligar e pedir o estorno.

Um banco não pode associar a concessão de um cartão de crédito ao pagamento de um seguro. Isso configura venda casada e, portanto, você pode denunciar. Agora, para saber se as aplicações são realmente boas para você, nada melhor do que perguntar, perguntar e perguntar...

No caso da pergunta sobre a previdência e o Tesouro Direto, a resposta obviamente depende de uma série de informações. De uma forma bem geral, comparando valores médios de retorno dos investimentos e de taxas de administração, a tendência é o Tesouro Direto ganhar.

Mas cada caso é um caso. Por isso, a resposta a cada leitor vai depender de uma série de fatores. Um bom PGBL pode ser ótimo para quem reduzir a base de cálculo do Imposto de Renda. E um bom VGBL pode ser vantajoso para quem esperar até depois do décimo ano, quando o Imposto de Renda cair para 10%.

Um PGBL, no entanto, pode ser ruim se tiver taxa de administração alta, rendimento baixo e não se encaixar com o perfil do investidor. O mesmo serve para o VGBL.

Para inspirá-lo a aproveitar melhor os produtos do seu banco, colocamos abaixo uma série de perguntas a serem feitas ao seu gerente. Você pode usá-las quando receber uma sugestão de aplicação em um plano de previdência, um fundo de investimento ou qualquer outro produto.

1) Quais seriam outras opções de investimentos para o meu perfil? Gostaria de entender as comparações.

No caso do plano de previdência, você pode perguntar se não seria mais vantajoso para você a aplicação em um título do Tesouro Direto (como o IPCA+ 2035 ou o Tesouro Prefixado 2021), uma LCA, uma LCI, ou mesmo um fundo de investimento, por exemplo.

2) Quanto custa a aplicação? Ou: você pode listar todas as taxas que me serão cobradas caso eu faça a aplicação?

Pergunte se há taxa de administração, de carregamento, de performance ou qualquer outra, e certifique-se do percentual de cada uma delas. Pergunte também se, quando seu volume de dinheiro aumentar, você pode migrar para uma categoria melhor, com taxa de administração mais baixa.

3) Como funciona o pagamento de impostos? Quais são os impostos e qual a vantagem desse produto em relação a outras aplicações, no que diz respeito aos impostos?

No caso do plano de previdência, pergunte se é possível deduzir a sua base de cálculo do Imposto de Renda em sua declaração anual e para quem esse benefício vale a pena. O PGBL costuma ser indicado para quem faz a declaração completa do Imposto de Renda e planeja aplicar até 12% de sua renda bruta anual na previdência (pois é exatamente esse o percentual que poderá ser deduzido da base de cálculo do IR).

4) A partir de quanto tempo poderei resgatar o dinheiro nas melhores condições possíveis? (Ou seja, com a menor incidência de Imposto de Renda, menores custos e sem comprometer o retorno/rendimento?)

O produto de investimento poderá ter uma data de vencimento específica. Antes dessa data, pode ser que você não consiga resgatar nem um centavo. Por isso, é importante que o prazo da aplicação case com o seu objetivo para aquele dinheiro. Além disso, dependendo do tipo de aplicação, o Imposto de Renda é calculado de uma forma.

Muitas aplicações de renda fixa seguem a tabela regressiva do Imposto de Renda atualmente vigente no país, que vai de 22,5% a 15%. Nos planos de previdência, a tabela regressiva é outra (vai de 35% a 10%) e há também a tabela progressiva.

5) O que acontece se eu resgatar antes do prazo? Há alguma multa? Qual a pior condição possível para o resgate antecipado?

Em geral, quanto menos tempo você deixar o seu dinheiro em uma aplicação, pior. É importante que a aplicação “case” com o período em que você não precisará daquele dinheiro.

6) Eu corro o risco de resgatar menos do que apliquei? Poderei ter um retorno menor do que a inflação?

Mesmo no Tesouro Direto, que é uma aplicação da qual gostamos muito, é possível resgatar menos do que o aplicado. Isso pode acontecer no investimento em títulos IPCA+ e Prefixado caso o investidor precise resgatar antes do vencimento. Se a inflação disparar, pode acontecer de perder menos resgatando no prazo final, principalmente no título Prefixado e no Tesouro Selic. Até mesmo no IPCA pode acontecer alguma perda em caso de inflação alta. Em produtos bancários essa possibilidade também pode existir.

7) Você pode fazer uma projeção de quanto eu resgatarei daqui a dez anos, já descontando os impostos e outras taxas, se eu aplicar x reais por ano? Você pode me dizer quanto eu resgataria, também já descontando impostos e outras taxas, se eu aplicar no Tesouro Direto pelo mesmo período, fazendo as mesmas aplicações anuais?

Tenho o costume de sempre comparar o Tesouro Direto com outros investimentos.

Em determinado dia, um título prefixado com vencimento em 2021 custava R\$ 466 e rendia 15,94% ao ano. Você pode usar esse exemplo e pedir ao seu gerente que faça uma comparação com esse título. No caso do Tesouro Direto, o Imposto de Renda após dois anos de aplicação é de 15%, seguindo a tabela regressiva do IR. A rentabi-

lidade líquida no vencimento será de 13,76% considerando uma taxa de administração do banco (ou corretora) de 0,1% ao ano.

8) Qual o valor mínimo da aplicação? Qual o valor mínimo para futuras aplicações no mesmo produto?

É importante saber a aplicação mínima e ter certeza de que você quer colocar aquele valor em uma só aplicação. Lembre-se de que é possível investir no Tesouro Direto com menos de R\$ 100. De novo, fique atento ao prazo de vencimento do produto oferecido.

9) Qual foi o desempenho (retorno) dessa aplicação nos últimos dois anos?

Vivemos em um país de inflação alta. Neste ano, devemos ter uma inflação próxima de 9,5%. Isso quer dizer que para que o seu dinheiro não perca valor, você precisa pelo menos empatar com a inflação. Aproveito para lembrar que a poupança rendeu cerca de 8,7% em 2015, ou seja, está perdendo para a inflação.

10) Essa aplicação tem garantia do Fundo Garantidor de Créditos (FGC)? Qual o risco de eu perder todo o meu dinheiro?

O Fundo Garantidor de Créditos garante o pagamento de até R\$ 250 mil (por CPF) em uma série de aplicações financeiras no caso de quebra do banco.

11) Para finalizar, quatro perguntas que todo correntista de banco deve fazer ao seu gerente sobre sua conta bancária:

- Qual é meu plano de tarifa?
- O que o meu plano de tarifa inclui?
- Para o número de transações que faço (DOC e TED, por exemplo), há algum plano mais barato?
- Sei que posso ter uma conta 100% digital e não pagar tarifa. Sei também que essas contas têm quantidade ilimitada de DOC e TED. Por que a minha conta não é assim? O que eu deixarei de ter se mudar para uma conta digital?

As contas digitais, ou contas eletrônicas, disponibilizam uma série

de serviços sem cobrar nenhuma tarifa. Isso mesmo, nenhuma tarifa! A única exigência é que toda a sua movimentação seja eletrônica, ou seja, via internet banking, atendimento telefônico, caixa eletrônico ou aplicativos para tablet e celular (as opções variam conforme os bancos). Se buscar o contato pessoal na agência, será tarifado.

Provavelmente seu gerente nunca lhe apresentou essa opção, o que é facilmente compreendido pela vantagem financeira, dessa vez a seu favor. Mas a verdade é que grandes bancos brasileiros oferecem esse produto que tem, entre os principais benefícios, a transferência ilimitada de recursos para outras instituições sem nenhum custo.

(Des)capitalização

Agora, caso o seu banco ofereça um título de capitalização, como leitor deste livro você tem obrigação de dizer não. A não ser que goste muito de jogos de azar.

Um título de capitalização nunca deve ser encarado como um investimento, mas sim como uma mistura de bolão com loteria. Bolão porque uma parte de seu dinheiro será usada para pagar pela administração do dinheiro de todos que compraram os títulos e uma parte será usada para premiar o sorteado. Loteria por causa dos sorteios.

Veja a definição da Susep (Superintendência de Seguros Privados): Título de capitalização é um produto em que parte dos pagamentos realizados pelo subscritor é usada para formar um capital, segundo cláusulas e regras aprovadas e mencionadas no próprio título (Condições Gerais do Título), que será pago em moeda corrente num prazo máximo estabelecido. O restante dos valores dos pagamentos é usado para custear os sorteios, quase sempre previstos nesse tipo de produto, e as despesas administrativas das sociedades de capitalização.

E observe que a própria Susep, em seu website, informa que o título de capitalização é pior do que a poupança. Isso mesmo: pior que a poupança.

É vantagem adquirir um título de capitalização? A resposta para essa pergunta depende de cada pessoa. O consumidor deverá avaliar as diferenças entre o título de capitalização e a poupança, por exemplo. O título de capitalização permite a participação em sorteios e a obrigação de “poupar” para não atrasar os pagamentos, uma vez que os títulos com pagamento em atraso não concorrem aos sorteios.

Em um dos exemplos que encontrei ao pesquisar sobre títulos de capitalização, o banco descontava 7,12% do dinheiro aplicado pelo investidor imediatamente após a aplicação, para pagar os custos do sorteio. E descontava outros 18,74% como taxa de carregamento.

Ou seja, de partida, uma pessoa que aplicou R\$ 1 mil deixou de contar com 25,86% de seu dinheiro. O rendimento desse título de capitalização era de TR+0,5%. Difícil imaginar algo pior do que isso para colocar o dinheiro.

E quem já comprou títulos de capitalização? Deve desistir para estancar as perdas?

Bem, isso vai depender muito do caso. O ideal é verificar as regras do título adquirido no banco e qual será a penalidade no resgate antecipado. Os títulos de capitalização possuem custos altos e rendimentos baixos, portanto, caso seja possível o resgate sem grandes penalidades, pode ser indicado fazer a troca por um investimento melhor, como os títulos do Tesouro Direto.

13. Contas simples e rápidas para o dia a dia

A primeira conta que todo investidor deve conhecer é a de “% do CDI”. No mercado financeiro, é comum expressar o retorno de um investimento por um percentual do CDI.

Por exemplo: 90% do CDI em 2015. Neste caso, consideramos que o CDI foi de 14,14% em 2015. Assim:

$$\begin{aligned} 90\% \text{ do CDI} &= \\ &= 0,9 \times 14,14 = \\ &= 12,73\% \end{aligned}$$

Outra continha interessante é a de “soma” (na verdade, multiplicação) das taxas do título Tesouro IPCA+. Você já viu esse cálculo no capítulo 7, mas vamos revisar aqui:

Um título Tesouro IPCA+ remunera inflação + 6,60%. Supondo que a inflação do período seja de 10,5%, a conta é:

$$\begin{aligned} (1 + 10,5\%) \times (1 + 6,6\%) - 1 &= \\ = (1 + 0,105) \times (1 + 0,066) - 1 &= \\ = 1,105 \times 1,066 - 1 &= \\ = 1,1779 - 1 &= \\ = 0,1779 &= \\ = 17,79\% \end{aligned}$$

Vamos agora passar aos racionais de contas que estão muito presentes no nosso dia a dia.

Pagar à vista ou parcelado?

Quantas vezes você já ficou em dúvida sobre se deveria pagar uma conta ou uma compra à vista ou em parcelas? Em primeiro lugar, se o pagamento à vista não dá direito a nenhum desconto, é fácil: pargale. Também é fácil concluir que vale a pena pagar à vista quando

o desconto é bom. Mas quando um desconto é bom o suficiente? 3%, 5%, 10%, 15%?

A lógica para decidir se vale a pena pagar à vista ou em parcelas é a mesma para qualquer conta. Basicamente, o que você precisa verificar é se o desconto para o pagamento à vista é maior do que o retorno que você teria caso pagasse apenas a primeira parcela (e investisse o restante do dinheiro).

Como fazer a conta?

É preciso comparar a taxa de retorno que você obtém em seu investimento – que pode ser um CDB, um Tesouro Direto, uma carteira completa – com a taxa do “financiamento”. Se a sua taxa for maior, parcelar. Caso a sua taxa seja menor, pagar à vista.

Mas a decisão não deve depender exclusivamente dessas contas!

Sempre que o resultado indicar que é melhor pagar à vista, você precisa responder às perguntas:

1. Você tem o dinheiro em sua conta-corrente para fazer o pagamento à vista, sem ficar no negativo e, por isso, ter que pagar multas e juros?
2. Esse dinheiro vai fazer falta para pagar outras contas e, portanto, você correrá o risco de ficar no vermelho em algum momento?
3. Você vai incluir imediatamente esse pagamento em sua planilha financeira para ver como pode equilibrar suas contas ou como poderia compensar esse gasto reduzindo outras despesas?

Caso tenha respondido “sim” para as três questões, você pode seguir em frente e pagar à vista.

Caso alguma das respostas tenha sido negativa, é melhor parcelar, pois dificilmente o desconto do pagamento à vista será maior do que os juros e as multas que você terá que pagar.

Agora, supondo que o resultado das contas financeiras indicasse que seria melhor pagar parcelado, você precisaria responder às perguntas:

1. Terei disciplina para realizar os pagamentos remanescentes nas

- datas corretas, evitando, assim, multas e juros? É possível deixar o pagamento em débito automático?
2. Terei dinheiro na conta para realizar os pagamentos remanescentes nas datas corretas, evitando assim o pagamento de multas e juros?
 3. Vou incluir essas despesas futuras em minha planilha financeira imediatamente e buscar uma forma de economizar com outros itens, para não correr o risco de ter um descontrole das contas nos meses seguintes?

Se você respondeu sim às três questões, pode seguir em frente e parcelar o pagamento.

Se não...

Débito ou crédito?

Você já deve ter reparado que hoje em dia alguns comerciantes não perguntam mais se você quer pagar no débito ou no crédito. Dizem apenas: “No débito?” Eles não fazem isso por acaso. Na verdade, o comércio tenta nos induzir a ir pelo caminho mais fácil e responder: “Sim”, “pode ser”, para que você pague no débito.

Isso acontece porque para quem está do outro lado é mais vantajoso que você escolha a opção débito. Explico: segundo dados do Banco Central, quando você compra no cartão de crédito, a empresa paga 2,84% da transação para a bandeira. Já no débito o custo é mais baixo: 1,59% do valor total da compra.

Além disso, o pagamento no débito é feito exatamente no momento da compra. Ou seja, o dinheiro é rapidamente subtraído de sua conta-corrente, e o estabelecimento comercial também recebe antes.

No crédito, você vai pagar a compra apenas na data do vencimento da fatura. O vendedor (ou prestador de serviços) terá que esperar mais para receber o pagamento. Nessa modalidade, você também vai acumular milhas em seu cartão. E, muitas vezes, terá a opção de parcelar a compra em três, seis ou até dez vezes, coisas que só o Brasil faz por você. Ou seja, muito mais interessante para o consumidor.

Portanto, não conseguimos ver nenhuma vantagem no uso do débito. Em geral, as pessoas que costumam pagar as contas dessa forma afirmam que é mais fácil para seu planejamento financeiro.

Agora, sejamos sinceros: de que vale um ótimo planejamento financeiro no débito se você está deixando de aproveitar as vantagens do crédito? O que quero dizer é que seu planejamento financeiro pode não ser tão eficiente assim.

Nada contra o controle de seus gastos. Muito pelo contrário. Esse é o segundo pilar do nosso método para uma vida financeira saudável. Mas, para isso, tenha uma planilha financeira ou anote os gastos em sua agenda. Não deixe as empresas se aproveitarem de sua fraqueza para levarem vantagem.

Vamos supor que em uma semana você tenha entre os seus gastos os seguintes:

R\$ 100 de almoço (R\$ 20 por dia)

R\$ 180 de supermercado/padaria/lanche

R\$ 100 de táxi/gasolina

Ao fim de cinco dias, são R\$ 380. Você pode pagar tudo no cartão de crédito e jogar todos esses gastos em uma planilha em algum momento no fim de semana. Supondo que isso se repita nas semanas seguintes, serão R\$ 1.520 ao mês e R\$ 18.240 no ano.

Considerando que seu cartão de crédito ofereça um ponto por dólar gasto, você terá acumulado com essas contas 3.600 pontos em um ano (considerando um dólar a R\$ 4). Pagando no débito, você não terá acumulado nada.

14. Invista o tempo todo

por Rodolfo Amstalden

Convidei meu amigo Rodolfo Amstalden, sócio da Empiricus Research, para escrever um capítulo deste livro. O tema é a sua especialidade: investimento para o longo prazo.

Investir o tempo todo é a melhor maneira de fazer com que as surpresas do seu longo prazo sejam positivas

Costumo escrever diversos relatórios sobre aposentadoria. Nascido em 1983, sou um dos velhinhos de uma empresa bastante jovem.

Desde que assumi a tarefa desafiadora de uma série previdenciária, firmei também o compromisso pessoal de construir e acompanhar semanalmente um projeto financeiro para pessoas interessadas em investir por uma ou mais décadas.

Neste ponto, eu poderia afirmar que seleciono naturalmente meus leitores conforme perfis ideais de longo prazo. Mas isso é bobagem. Não existe perfil de longo prazo quando falamos de investimentos.

Todo mundo é obrigado a arcar com as demandas organicamente vinculadas à maturidade. A diferença está apenas em reconhecer ou não essas demandas com a devida antecedência. Quanto antes, melhor – menores os esforços correntes e maior o benefício posterior.

No entanto, por mais que eu repita esse argumento frugal por cem vezes, demonstrando os resultados matemáticos através de gráficos e tabelas, não sou capaz de convencer de antemão. Ninguém é capaz. As pessoas só se convencem da necessidade poucos anos antes de se aposentarem. E algumas demoram ainda mais tempo, persuadidas de maneira dolorosa, quando efetivamente quebram e precisam recorrer à ajuda dos filhos.

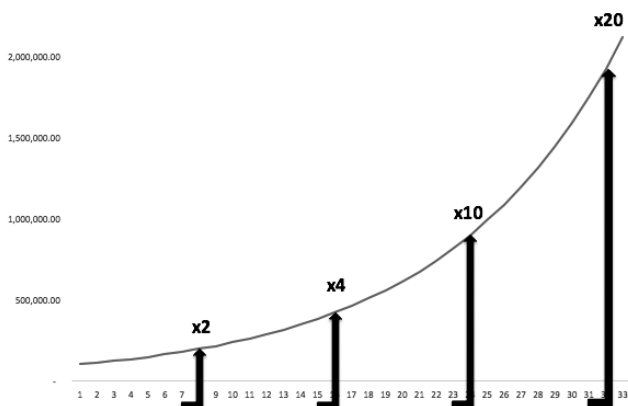
Por isso escolhi começar este capítulo mencionando minha idade. “Você escreve sobre Aposentadoria? Mas você é tão novo?!”. Sim, justamente. Estou tentando me adiantar ao máximo. Depois que eu tiver noventa anos, não me restará muito tempo hábil para fazer meu

dinheiro render, por mais formidáveis que sejam as oportunidades do futuro.

A rigor, eu gostaria de ser ainda mais novo, pois isso potencializaria minhas recomendações, que se valem principalmente do prazo investido. Porém, como não posso rejuvenescer, decidi mudar a forma com que eu me refiro ao meu objetivo.

Se você acha, com todo respeito, que previdência é uma preocupação exclusiva de pessoas idosas, esqueça por um momento a palavra “aposentadoria”. A expressão em si não é importante, só atrapalha. Pense nesse projeto da seguinte maneira: você tem que estar poupando e investindo o tempo todo. Recém-formado, casado, com filhos, com netos. Nenhuma fase do seu ciclo de vida pode servir de desculpa para não investir.

É fácil entender o porquê dessa minha insistência. O gráfico a seguir descreve um investimento de R\$ 100 mil feito à taxa ilustrativa de 10% ao ano, ao longo de 32 anos consecutivos. Apresento a você a maravilha dos juros compostos.



Como você pode ver, gosto de repartir esse gráfico em quatro pedaços simétricos em relação ao tempo percorrido, mas assimétricos em relação ao resultado acumulado.

Esses pedaços estão demarcados nos aniversários da aplicação múltiplos de oito anos (8, 16, 24 e 32 anos). A festa demora para chegar. Mas cada vez que cantamos um novo parabéns, o fazemos com muito mais ênfase.

Nos primeiros oito anos, conseguimos dobrar o patrimônio investido. Acrescidos os oito anos seguintes, quadruplicamos. E ao completar 24 anos, teremos multiplicado o valor inicial por dez vezes!

Até aí, tudo muito agradável. Gosto da ideia de multiplicar meu patrimônio por dez vezes ao longo de 24 anos. Porém, a parte realmente impressionante desta história ainda está por vir.

E se eu lhe disser que podemos somar em mais oito anos tudo aquilo que somamos ao longo de 24 anos? E ainda mais um pouco! Multiplicando o patrimônio em 24 anos, agregamos a cifra de R\$ 885 mil. Multiplicando por mais oito anos, até os 32 anos, agregamos outro R\$ 1 milhão.

Esse é o verdadeiro poder dos juros compostos. Se você corre uma prova de 10 km, aumenta sua riqueza. Se você corre uma maratona, fica rico para a vida toda.

Por isso o tempo de aplicação é tão importante. A paciência e persistência do investidor de longo prazo são muito bem recompensadas, de forma mais do que proporcional.

O trecho mais relevante do gráfico é aquele que vai dos 24 aos 32 anos. Contudo, não conseguimos chegar até ele com atalhos. Só alcançamos essa zona de catálise depois de percorridos, disciplinadamente, os primeiros 24 anos.

Ou seja, novamente: quanto antes começamos, tanto melhor.

Ao mostrar esse gráfico para meus leitores, recebo dois tipos opostos de reação.

Os mais jovens ficam entusiasmados, como se tivessem descoberto o Santo Graal das finanças. De fato o descobriram, mas ainda não o levaram à boca por séculos e séculos. É fácil se empolgar no início e depois desanimar. Os jovens têm todo o privilégio do tempo, mas precisam vivê-lo, investindo ano após ano. Cabe-lhes o teste empírico.

Já os mais velhos se decepcionam, alguns ao ponto de condenarem toda a existência passada. Por que fui tão ingênuo? Como não

enxerguei isso antes? E jogam a toalha. Desistir também é muito fácil e muito nocivo. Os juros compostos não estão aí para julgá-lo; estão para ajudá-lo, qualquer que seja o horizonte temporal em questão. Um pouco de composição sempre há de ser melhor do que nada.

Entre jovens e idosos, encontro a vasta maioria dos meus leitores. Pessoas de trinta a cinquenta anos que não são tão novas para se entusiasmar, nem tão velhas para desanimar. Essas pessoas ainda são largamente beneficiadas pelo tempo, mas não podem vê-lo transcorrer de maneira passiva, nem podem cometer grandes erros no meio do caminho. Além de investir com paciência e persistência, elas precisam investir nos ativos corretos. Entra em jogo, portanto, a alocação de ativos.

O lugar certo

Já falei do tempo; falarei agora do vento. A alocação de ativos é exatamente isto: o vento. O tempo passa num ritmo previsto, de relógio com juros, alimentando sua riqueza ano após ano. Já o vento é capaz de assoprá-la para mais perto ou para mais longe. Devemos estar, à hora certa, em lugar certo.

Investidores – pessoais e profissionais – passam a vida irrequieta, tentando montar o trade perfeito, que os fará bilionários. Alguns poucos têm sucesso e acabam servindo de exemplo vazio para os muitos que fracassam.

Não tente montar o trade perfeito. Não tente prever o futuro. Não aposte seu futuro previdenciário em uma loteria. Para ter sucesso, você precisa se agarrar em coisas simples e tranquilas. O longo prazo e a correta alocação de ativos.

A alocação em si importa mais do que os ativos específicos, pois ela permite que você faça grandes acertos mesmo incorrendo em pequenos erros. Se, por exemplo, o sujeito direciona 20% de seu patrimônio a investir em dez ações e uma dessas ações despenca, ainda assim ele poderá ficar muito rico no cômputo de Bolsa (equivalente a 20%) ou no cômputo geral (equivalente a 100%).

Este é um debate eterno entre os analistas da Empiricus. Porém, minha opinião é de que nosso maior diferencial reside na determina-

ção de alocações de investimento. Não conheço outra casa de análise que faça isso como nós fazemos. Pois conseguimos nos beneficiar da enorme tranquilidade de uma posição majoritariamente defensiva (SEGURANÇA), aliada ao elevado retorno de apostas genuinamente agressivas (RISCO).

A aplicação desta filosofia binomial de SEGURANÇA & RISCO fica clara quando respondo a uma das perguntas mais enviadas por meus novos leitores. Como montar uma carteira para o longo prazo?

Em longo prazo, o investimento em ações supera o investimento em títulos de dívida em todos os estudos já feitos para mercados desenvolvidos. No caso brasileiro, um país emergente que acaba de perder o status de *investment grade*, essa hierarquia não é sempre preservada; depende das janelas históricas escolhidas. A tendência, porém, é de que nosso processo civilizatório faça com que o Brasil convirja para a norma internacional.

Independentemente das peculiaridades tupiniquins, não tenho dúvidas de que ações configuram uma aplicação melhor para o longo prazo do que títulos de dívida. Não é por isso, entretanto, que eu recomendaria a maior parte de sua carteira alocada em ações. A rigor, eu nunca faria isso, nem mesmo em contextos nos quais as empresas listadas em Bolsa se encontram muito baratas.

Tenho por convicção que o grosso de nossos investimentos previdenciários deve estar em ativos inquestionavelmente seguros – tanto segundo critérios financeiros, quanto por termômetros psicológicos. Ativos que o façam dormir bem à noite, por milhares de noites consecutivas. Isso, para mim, é bem-estar.

Se você quer construir seu longo prazo em cima de bases sustentáveis, não deve depositar suas fichas em grandes sacrifícios, tampouco em grandes emoções. Esse é o tipo de coisa que só funciona de grão em grão, num processo acumulativo, em que os ganhos são mais frequentes que as perdas, e se compõem ao longo do tempo, como no gráfico que lhe mostrei.

Uma vez tendo o grosso do seu dinheiro economizado em ativos seguros, você fica mais à vontade para arriscar com inteligência e sob riscos controlados. Comprar uma ação deixa de ser uma atitude de

culpa ou insegurança e passa a ser a decisão natural a se tomar para dar grandes saltos de multiplicação de capital, ao longo de vários anos.

A renda fixa não vai torná-lo milionário, mas pode torná-lo rico e – principalmente – garantirá seu bom sono noturno. O dólar servirá de formidável armadura todas as vezes (quicá, cada vez mais raras) em que o Brasil perder o eixo do crescimento. E as ações – essas sim – poderão apresentá-lo a um futuro milionário.

Conforme especifico nos relatórios da Empiricus, minhas alocações preferidas definem 60% a 70% dos recursos distribuídos em renda fixa, aproximadamente 10% em câmbio e o restante em renda variável. É óbvio que ocorrem variações nesses percentuais, conforme a conjuntura. Todavia, os números que citei servem como uma espécie de pedra filosofal da Aposentadoria.

Não há um desafio intransponível em definir renda fixa ou câmbio. Com ações, porém, o método é um pouco mais elaborado. Sobre tudo ao pensarmos em longo prazo, devemos nos certificar de que estamos escolhendo empresas parrudas, capazes de entregar crescimento de lucros por anos a fio, e dispostas a seguir os melhores interesses de seus acionistas. Enquanto as empresas do Eike Batista hoje valem quase nada, as ações de Ambev saíram do nada rumo a um presente recorrentemente promissor.

OGX: da promessa ao nada



Ambev: presente recorrente promissor



15. Renda extra: algumas inspirações para ganhar mais

Ter uma renda extra que vai além do seu salário é fundamental tanto para quem precisa sair das dívidas, como para quem deseja trilhar o caminho da construção de riqueza. Por isso, embora este livro seja mais focado em finanças pessoais e investimentos, convidei dois amigos da equipe do Criando Riqueza para escrever sobre renda extra: Guilherme Dias e André Zara. Ambos trabalham em contato direto com o tema e podem lhe ajudar a ter ideias para complementar suas receitas.

Espero que os textos a seguir sirvam de incentivo para que você comece a planejar suas atividades de renda extra.

No caminho para a riqueza

por Guilherme Dias

Dar início a uma atividade de renda extra significa trabalhar mais e sacrificar algumas horas que costumam ser dedicadas ao lazer ou gastas em atividades pouco proveitosas, como ver tv. Neste texto, vou falar um pouco sobre Mark Ford, empresário americano que vê a renda extra como uma importante receita para a criação de riqueza. Mark é o guru do Wealth Builders Club (wbc), parceiro do Criando Riqueza e da Empiricus e construiu sua fortuna após tomar a decisão de ficar rico. Nascido em família pobre, ele conquistou seu primeiro milhão aos 35 anos e hoje é multimilionário.

Desde que decidiu enriquecer, Mark nunca ficou mais pobre um dia sequer. Uma das premissas que utilizou para conquistar esse objetivo foi ganhar renda extra com habilidades que já possuía. O dinheiro que vinha de fontes alternativas ao trabalho o ajudou a ter independência financeira, isto é, a ter mais dinheiro do que gastava.

A ideia é aumentar a renda que você ganha com receitas adicionais para depois destinar esse dinheiro para investimentos. Essa é a forma mais segura e rápida de fazer crescer o seu patrimônio lí-

quido e aumentar a sua renda. Mark acredita que a jornada rumo ao primeiro milhão é vencida a cada R\$ 100. Muitas pessoas se iludem querendo investir o tempo vago apenas em alternativas que podem render centenas de reais por mês. Mas a ideia do empresário americano é que você tenha vários extras de R\$ 100 e vá repetindo as estratégias até somar quantias que valham a pena e que serão revertidas em investimentos com boa rentabilidade.

“Mas o que um cara comum pode fazer?”, você deve estar se perguntando. “Ganho pouco, tenho família, dívidas, preciso de um carro novo. Não posso investir como o Mark e nem tenho tempo para buscar uma renda extra”.

No livro *11 segredos da construção de riqueza*, Mark Ford sugere que você faça uma conta honesta do número de horas mensais que dedica à televisão e a outras atividades não produtivas. Você pode utilizar parte dessas horas para o seu projeto de construção de riqueza. Outra dica valiosa que ele costuma dar é: acorde uma hora mais cedo e dedique essa primeira hora do dia a você, aos seus investimentos, aos seus projetos. É simples e difícil ao mesmo tempo, mas funciona.

E se está disposto a começar, pense que uma boa oportunidade de renda extra deve preencher cinco quesitos básicos, segundo o Mark. Vamos conferir quais são eles:

1. Qualquer um deve ser capaz de fazer (deve ser simples e de fácil entendimento).
2. Você deve começar a desenvolvê-lo de casa.
3. Você deve ter a escolha de trabalhar meio período ou durante fins de semana.
4. Deve ser possível começar sem investir uma tonelada de dinheiro (custos iniciais baixos).
5. Deve ser possível ganhar entre R\$ 50 e R\$ 500 por hora (os valores dependem do cliente, do projeto e da experiência).

No Clube WBC Brasil, o Mark escreve ensaios em que detalha diferentes oportunidades de renda extra. Vou listar algumas delas com um pequeno resumo para que você perceba que é fácil ter um ganho

fora do trabalho e que pode fazer isso em diferentes áreas, como é o caso de fotografia, publicação de e-book, vendas pela internet e no seu próprio trabalho.

Vendas pela internet

“Uma pessoa com cinquenta anos de idade costuma ter muita quilharia pela casa. Objetos, antes úteis ou valiosos, ficam espalhados em prateleiras, armários ou despensas.

Muitos desses objetos são imprestáveis. Alguns têm um certo valor e outros são realmente valiosos, o que, obviamente, faz com que apresentem uma oportunidade de renda: vendê-los no eBay, no Mercado Livre ou na OLX.

Um vizinho, historiador e crítico de arte, possuía mais de mil livros sobre o assunto. Antes de se aposentar, usava-os com frequência. Quando parou de trabalhar, mudou-se para uma casa menor e sua biblioteca era grande demais para acompanhá-lo. Pensou em guardá-la num depósito, mas percebeu – como percebem todos que fazem isso – que seria um desperdício de dinheiro.

Ele foi inteligente e manteve cerca de 20% de sua coleção – livros que poderia reler. O resto foi vendido no eBay. Para surpresa de sua esposa, ele embolsou mais de US\$ 30 mil”.

Fotografia

“Alguns anos atrás, Lori – uma amiga que criou uma newsletter sobre fotografia – e sua equipe vislumbraram outra grande oportunidade. Notaram que, cada vez mais, seus alunos escreviam para contar sobre seu sucesso não apenas vendendo os artigos, como também as fotos de viagens.

Eles pesquisaram e descobriram que os editores de revistas adotaram quando escritores enviam fotos com artigos porque facilita o trabalho. Dessa forma, não têm que pagar fotógrafos.

Normalmente, editores pagam algumas centenas de dólares por foto – às vezes mais de US\$ 1 mil, mas não aceitam qualquer coisa.

Há requisitos bem específicos que a maioria dos fotógrafos amadores simplesmente não entende.

Fotografia de arquivo, fotografia de viagem e fotografia local são os três maiores mercados que Lori destaca em seus programas.

Quando você vende suas fotos como arquivo (microstock), pode enviá-las para um armazém on-line (uma pequena agência de arquivos de fotos).

Cada foto é analisada e pode ser aceita ou recusada. Em seguida, a imagem fica disponível num catálogo on-line onde os compradores pesquisam e efetuam a compra. Shelly Perry, uma fotógrafa que vende suas imagens como microstock, disse que ganha em média US\$ 0,87 todos os meses por foto disponível no catálogo dessas agências on-line.

Até o momento em que este ensaio foi escrito, ela tinha 3.366 fotos em arquivo com uma única agência, o que equivalia a quase US\$ 3 mil por mês em renda passiva. Sem fazer mais nada, ela vai continuar recebendo essa quantia”.

E-book

“Difícilmente você vai ganhar muito dinheiro escrevendo livros, mas pode ganhar algum. O mercado tradicional não anda fácil para os escritores. O motivo: a grande maioria (entre 90% e 98%) dos livros publicados vendeu menos de cem cópias. Isso significa que as editoras tiveram prejuízo em mais de nove em cada dez livros comercializados. Por isso, não puderam mais se dar ao luxo de pagar grandes adiantamentos aos autores.

Os editores ganham dinheiro com grandes best-sellers – livros que vendem centenas de milhares ou mesmo milhões de cópias. Esses autores ficam ricos. O resto passa fome.

A mudança é recente. O advento das empresas de internet e negócios como a Amazon tornaram os modelos convencionais de publicação obsoletos, o que é ruim para a maioria das editoras, mas não para você, aspirante a escritor. É possível ganhar bem mais dinheiro hoje do que em qualquer outra época.

A maneira mais fácil e lucrativa de se publicar um livro é por conta própria. E a mais barata é entregá-lo por meio eletrônico, no formato e-book”.

No seu trabalho

“Não importa o trabalho que esteja fazendo no momento, se você conseguiu seu emprego dos sonhos ou se está fritando hambúrgueres para pagar o aluguel, os hábitos de trabalho que desenvolve e o tipo de funcionário que você é podem fazer uma enorme diferença no tanto de riqueza que eventualmente irá adquirir.

Parece lógico – e você há de concordar – que, para obter um salário melhor do que a média, você tem que estar disposto a fazer um trabalho melhor do que a média. Se colocar em ação as recomendações que darei, sua renda vai aumentar de forma substancial nos próximos anos.

Os conselhos que vou lhe dar são baseados principalmente na minha experiência pessoal e também na experiência de mais meia dúzia de apadrinhados meus – um seleto grupo –, que dispararam rumo ao topo nas suas respectivas áreas e agora desfrutam dos benefícios da conquista: melhores opções de carreira, oportunidades de networking mais favoráveis, mentores mais úteis e uma renda maior.

A primeira foi ao me transformar de trabalhador ordinário para extraordinário. A segunda fase foi ao passar de extraordinário para inestimável.

Um trabalhador comum trabalha do mesmo jeito que a maioria.

Um trabalhador extraordinário faz substancialmente mais do que o trabalhador médio.

Já um trabalhador inestimável contribui de forma tão significativa para a empresa que perdê-lo seria considerado uma grande desgraça financeira.

Nesse último caso, de ser um trabalhador inestimável, você não só chega mais cedo que os demais, mas também se torna fundamental para a empresa, sugere parcerias, novas possibilidades de negó-

cios e de a empresa ganhar dinheiro. Vira parte importante de seu funcionamento.”

Renda extra e empreendedorismo

por André Zara

Como minha área de expertise é o empreendedorismo, minha contribuição para este livro será uma abordagem da renda extra como uma excelente forma de testar novos modelos de negócios. Quem sabe sua atividade extra não se torna uma empresa de sucesso um dia?

A vantagem é que você faz isso sem arriscar o emprego que paga as contas. É meu jeito favorito para testes: começamos aos poucos e depois descobrimos se existe espaço para crescimento.

Vou agora lhe contar uma história real sobre renda extra em que podemos aprender como usar conceitos empreendedores. Em uma agência de comunicação na qual trabalhei, uma secretária fazia bolos e os vendia em pedaços para os colegas. Foi a forma que ela encontrou para complementar o seu orçamento. Eu, sempre ligado em novos negócios, comecei a observar e aconselhá-la.

A primeira dica, confesso, foi em benefício próprio: sou intolerante à lactose e queria comer bolo. Como solução, ela criou um sabor laranja, sem leite na preparação. Logo, descobrimos que outras pessoas na agência também tinham intolerância, e o produto se tornou a opção para um público que antes não consumia os bolos.

Depois, ajudei com a organização. Ela usava o caderninho para anotar os pedidos e pagamento, e isso era ótimo, mas alguns colegas de trabalho começaram a atrasar ou “esquecer” os pagamentos. Eu recomendei cobrar, mas ela ficava sem graça e hesitava, por medo de causar desconforto aos companheiros. Pouco tempo depois, a dona da agência a proibiu de vender os bolos lá e ela desistiu da renda extra. Isso foi uma importante lição: ela deveria ter sido mais transparente e perguntado se poderia fazer o comércio no local.

Passado um ano após minha saída do emprego, eu voltei para rever os amigos na agência e encontrei a secretária. Com a situação da economia brasileira cada vez pior, e o marido e a filha mais velha

desempregados, ela voltou a fazer os bolos. Mas desta vez ela decidiu levar mais a sério a alternativa: pediu autorização à chefe para vender e fez um curso de bolos no pote – uma tendência de bolos em porções individuais servidas em embalagens descartáveis. E, quando me viu, veio correndo pedir conselhos.

Eu dei três dicas de empreendedorismo para ajudá-la a ter mais sucesso na renda extra: precificação, rede de contatos e mix de produtos. Vamos ver como ela os aplicou.

Preço certo

A primeira dica é muito importante. Quanto cobrar? Fazer a análise de produtos é bem mais fácil, pois existe um custo claro e você coloca uma margem de lucro. No caso da recepcionista, ela precisava somar os gastos com as porções dos ingredientes – o que no ramo de alimentação se chama de ficha técnica – e ainda levar em conta gastos de produção (como gastos com gás de cozinha) e dos potes para embalar.

Eu a alertei que a conta iria mostrar se a renda extra valia a pena ou não. Afinal, todo o investimento precisa ser pago e ainda dar lucro – e não pode ser minúsculo. Ou, ainda pior, ela poderia descobrir que estava pagando para trabalhar.

Outra chave sobre a formação de preço é que não dá para ter o preço muito fora da concorrência. As pessoas comparam e sabem que produtos similares não variam muito. Para cobrar mais, precisa ser uma coisa fora do comum. Ou seja, ou você se adapta aos custos ou inova.

Já o serviço sempre é mais complicado precificar, porque é imaterial e medido em hora de trabalho. Quanto custa o seu tempo? Se for uma atividade comum, o mercado vai regular o preço. Se for muito inovador, você estabelece o preço e descobre se alguém pagará por isso. Mas sempre lembrando que deve cobrir as despesas e ainda dar lucro. Por isso, tanto em produtos como em serviços, é preciso se sentar e fazer as contas.

Ajuda dos conhecidos

O jeito mais efetivo para oferecer e divulgar o seu produto/serviço sem gastos é usar a sua rede de contatos. Isso funciona muito bem, como mostra o exemplo das empresas de venda direta de produtos de beleza. Eu dei uma consultoria de conteúdo para uma delas e isso me ensinou bastante. Ao revisar os materiais de apoio às revendedoras, descobri que o pilar é saber aproveitar os contatos e as oportunidades para fazer vendas.

Foi o que ensinei à secretária. Perceba suas redes e as use: no trabalho, cabeleireiro, academia, igreja etc. Mapeie-as e comece a pensar em como utilizá-las. Um amigo traz um conhecido, que apresenta outro e assim o negócio vai expandindo. E nunca perca uma oportunidade de vender: tenha cartões, fotos dos produtos no celular, enfim, qualquer coisa para apresentar.

Procure uma brecha, entre no assunto e faça a venda. As boas vendedoras de produtos de beleza tinham uma tática muito boa: elas observavam algum detalhe da maquiagem da possível compradora, faziam um elogio, entravam no assunto e, no final, puxavam um catálogo da bolsa.

No entanto, o que eu detectei entrevistando revendedoras e lendo fóruns na internet foi o mesmo problema que a secretária já tinha enfrentado: lidar com a falta de pagamento. Por isso, muitas revendedoras desistiam no começo, frustradas com a falta de coragem para cobrar.

Temos de deixar claro, desde o começo, que estamos fazendo uma transação comercial. Por isso, fale de preços, de formas de pagamento e de prazos logo no início. O melhor cenário possível é receber na entrega! Claro que haverá algumas pessoas de má-fé, por isso, fique atento a grandes pedidos de desconhecidos. Você sempre pode levar alguém ao Juizado Especial de Pequenas Causas, mas isso só vai te dar dor de cabeça.

Variedade de produtos

A última dica que dei para a minha amiga secretária foi ter variedade de produtos, mas não muitos. Quando você tem um “cardápio” muito grande, isso o obriga a ter vários ingredientes e executar diferentes processos. Produzindo em pouca quantidade, no caso da renda extra, isso pode deixar suas ações bem lentas.

Por isso, recomendei a ela ficar de olho na saída dos bolos. Quem era o campeão de vendas? Quais eram os mais pedidos? Com essas perguntas respondidas, ela poderia comprar os ingredientes de forma mais eficiente e substituir os bolos menos vendidos por outros, consolidando assim um menu atrativo. A mudança de produtos também traz novidades aos clientes, o que sempre ajuda a movimentar vendas.

No caso de serviços, também dá para esticar um pouco a oferta principal. Mas isso você pode testar aos poucos e de forma controlada com alguns clientes selecionados, antes de oferecer para todo mundo. De qualquer forma, é importante fazer essas provas com consumidores para descobrir o que funciona, e o que não.

Resultados

Pouco antes de terminar de escrever o texto, eu telefonei para minha amiga secretária para saber como estava a sua renda extra. O resultado, segundo ela, tem sido positivo. Atualmente, ela tem dedicado mais ou menos três noites da semana para produção dos bolos, com ajuda do marido – a boa notícia é que ele e a filha estão novamente empregados.

A secretária continua vendendo os doces na agência, mas também colocou em prática o conselho de expandir usando sua rede. Ela agora vende os bolos na igreja que frequenta, além de oferecer os produtos, por meio de parcerias, em uma banca de jornal e um salão de beleza perto de sua casa. Para ajudar, criou um grupo de WhatsApp e uma página no Facebook – por onde tem recebido alguns pedidos de desconhecidos. A dica do mix de produtos também foi um sucesso, pois ela diminuiu a variedade e substituiu os bolos que vendiam menos por outros que agradaram mais a clientela.

Na questão de precificação, a secretária descobriu um aplicativo de celular que a ajuda a fazer a conta dos ingredientes. No entanto, notei que ela ainda esquece alguns itens, como o consumo de gás de cozinha na produção. Ou seja, ela ainda sabe mais ou menos quanto gasta... E na questão da cobrança dos colegas, ela ainda reclama. Mas, como eu já tinha dito, tem de cobrar, porque senão está concedendo crédito aos compradores. Mesmo assim, ela está mais ligada nos custos: recentemente, recebeu pedido de uma cliente de Guarulhos pela página no Facebook, mas fez as contas e viu que a venda não valia a pena pela distância.

Mesmo assim, ela diz que está animada e cheia de planos para crescer e investir mais na sua renda extra. Eu desejo boa sorte!

16. O Imposto de Renda dos investimentos

Para este capítulo, contei com a ajuda do Walter Poladian, planejador financeiro do Criando Riqueza. Como você já observou ao longo deste livro, algumas aplicações são isentas de Imposto de Renda (IR). Outras seguem a chamada “tabela regressiva” da renda fixa. Fundos de investimentos, por sua vez, têm o famoso come-cotas.

Para facilitar a vida do investidor iniciante, o Walter preparou o guia a seguir.

1. Poupança, Letra de Crédito do Agronegócio (LCA) e Letra de Crédito Imobiliário (LCI)

Poupança, LCA e LCI têm em comum a vantagem da isenção de IR e Imposto Sobre Operações Financeiras (IOF) para pessoas físicas. No caso das LCAs e LCIs, o governo oferece esse benefício fiscal para fomentar os setores de agronegócio e imobiliário.

Sobre o IOF que incide nos produtos financeiros, a cobrança é feita sobre os rendimentos recebidos em resgates ocorridos em até trinta dias da data da aplicação. Na poupança, os rendimentos são atualizados nos aniversários de um mês e, nas LCAs e LCIs, há uma carência mínima de noventa dias para o resgate.

Os rendimentos recebidos na poupança e nas LCAs e LCIs deverão ser especificados na Declaração Anual de Imposto de Renda, em Rendimentos Isentos e Não Tributáveis.

2. Títulos do Tesouro Direto, CDB, RDB, Letra de Câmbio (LC)

Esses títulos de renda fixa têm cobrança de IOF nos resgates realizados em até trinta dias da data da aplicação. O IOF é cobrado antes do IR e é retido na fonte pela instituição financeira. Incide sobre os rendimentos brutos obtidos até o 29º dia, com alíquota regressiva, conforme tabela a seguir.

O Imposto de Renda também é retido na fonte e incidirá sempre que o investidor receber rendimentos, como em resgates antecipados, no recebimento de juros (se houver) ou no vencimento da aplicação.

Tabela regressiva do IOF

Dias após a aplicação	IOF	Dias após a aplicação	IOF	Dias após a aplicação	IOF
1	96%	11	63%	21	30%
2	93%	12	60%	22	26%
3	90%	13	56%	23	23%
4	86%	14	53%	24	20%
5	83%	15	50%	25	16%
6	80%	16	46%	26	13%
7	76%	17	43%	27	10%
8	73%	18	40%	28	6%
9	70%	19	36%	29	3%
10	66%	20	33%	30	0%

A alíquota do IR também é regressiva, como vimos anteriormente.

Para os títulos do Tesouro Direto, se você fizer mais de uma aplicação no mesmo título em datas diferentes, na hora da venda o sistema irá selecionar primeiro o mais antigo e depois o mais recente (“primeiro que entra, primeiro que sai”). Assim, a alíquota do IR poderá ser menor e seu retorno líquido maior.

Os rendimentos recebidos deverão ser especificados na Declaração Anual de Imposto de Renda, em Rendimentos Sujeitos à Tributação Exclusiva/Definitiva.

3. Fundos de Investimento de Longo Prazo (Renda Fixa, Multimercado e Cambial)

A tributação desses fundos é semelhante à dos títulos do item “2”. Eles têm a incidência das mesmas alíquotas de IOF e IR, também retidas na fonte. A incidência do IR, no entanto, não ocorre apenas nos resgates, mas também semestralmente no último dia dos me-

ses de maio e novembro. Essa cobrança semestral é conhecida como come-cotas.

O come-cotas, como você já aprendeu em capítulos anteriores, é uma antecipação do Imposto de Renda pela alíquota mínima (15%) e no resgate é ajustada de acordo com o período de investimento. Como o valor referente ao IR é descontado semestralmente, o mesmo deixa de render, o que não ocorre no investimento direto em títulos.

Os rendimentos recebidos deverão ser especificados na Declaração Anual de Imposto de Renda, em Rendimentos Sujeitos à Tributação Exclusiva/Definitiva.

4. Fundos de Investimento de Curto Prazo (Renda Fixa)

Tributação semelhante aos fundos de longo prazo, porém sua alíquota mínima é de 20%, conforme esta regra:

Tempo de aplicação até 180 dias – Alíquota de 22,5%

Tempo de aplicação acima de 180 dias – Alíquota de 20%

A alíquota do come-cotas nos fundos de curto prazo, consequentemente, é de 20% (alíquota mínima).

5. Previdência Privada

A modalidade **PGBL** (Plano Gerador de Benefício Livre) é indicada para quem faz a declaração completa do Imposto de Renda, pois permite deduzir até 12% da renda bruta tributável anual. No resgate, a alíquota do IR incide sobre o valor total investido.

Já a modalidade **VGBL** (Vida Gerador de Benefício Livre) é indicada para quem faz a declaração simples do IR; para quem é isento; ou para quem faz a declaração completa e já aplica 12% da renda tributável em um **PGBL** e ainda pretende aplicar um valor adicional em previdência. O **VGBL** não permite dedução da renda tributável, porém, no resgate a alíquota do IR incide apenas sobre os rendimentos.

Nos planos de previdência o investidor pode optar entre dois diferentes regimes tributários: o Progressivo Compensável e o Regressivo Definitivo.

Progressivo Compensável

Há cobrança de 15% de imposto, retido na fonte sobre o resgate, que representa uma antecipação do imposto devido. O valor final deverá ser calculado na Declaração de Ajuste Anual somando-se o resgate da previdência às demais rendas tributáveis e aplicando-se a alíquota da tabela do IR (a seguir). Caso a alíquota a ser paga seja menor que 15% (por exemplo, 7,5%), o valor referente à diferença (7,5%) será compensado na declaração anual. E se a alíquota a ser paga for maior que 15% (por exemplo, 27,5%), o valor referente à diferença (12,5%) será ajustado na declaração anual.

Na declaração anual de IR, a parcela referente ao ganho de capital, já líquida de Imposto de Renda, deve ser declarada na ficha “Rendimentos Tributáveis Recebidos de Pessoa Jurídica”.

Esse regime é indicado para quem pretende resgatar os valores em até quatro anos ou acredita que a soma de suas rendas tributáveis, no momento do resgate, ficará em um patamar de alíquota de IR abaixo de 10%.

Tabela progressiva anual para 2016 (ano-calendário 2015)

Base de cálculo	Alíquota	Parcela a deduzir
Até R\$ 22.499,13	Isento	Isento
De 22.499,14 a R\$ 33.477,72	7,5%	R\$ 142,80
De 33.477,73 a R\$ 44.476,74	15%	R\$ 365,81
De 44.476,75 a R\$ 55.373,55	22,5%	R\$ 642,15
Mais de R\$ 55.373,55	27,5%	R\$ 879,85

Regressivo Definitivo

O imposto é integralmente retido na fonte e sua alíquota varia conforme o tempo da aplicação. Inicia em 35% e reduz 5% a cada dois

anos, até atingir 10% a partir do 10º ano. Nessa tributação utiliza-se o método “primeiro que entra, primeiro que sai”.

Na declaração anual de IR, a parcela referente ao ganho de capital, já líquida de IR, deve ser declarada na ficha “Rendimentos Sujeitos à Tributação Exclusiva”.

O regime tributário só pode ser alterado do Progressivo para o Regressivo. Nesse caso, a contagem do tempo referente à alíquota do Imposto de Renda no regime regressivo começa do zero.

Esse regime é indicado para quem pretende resgatar os valores no longo prazo (depois de quatro anos) e acredita que terá média ou alta renda tributável no momento do resgate.

6. Ações

Para efeitos de Imposto de Renda, devem ser sempre separadas as operações no Mercado à Vista (compra e venda do mesmo ativo em dias diferentes) das operações Day Trade (compra e venda do mesmo ativo no mesmo dia pela mesma corretora).

Mercado à Vista

Alíquota de IRRF (IR retido na fonte): 0,005% sobre o valor bruto de venda.

Alíquota de IR: 15% sobre o ganho líquido.

Recolhimento: de responsabilidade do investidor. Apurado em períodos mensais e pago até o último dia útil do mês subsequente ao da apuração via Darf (código Darf 6015). A Darf pode ser gerada através do internet banking ou no caixa de seu banco.

Base de cálculo: resultado positivo entre o valor de alienação do ativo e o seu custo de aquisição, calculado pela média ponderada dos custos unitários auferidos nas operações realizadas em cada mês, admitindo-se, ainda, a dedução dos custos e despesas incorridos, necessários à realização das operações.

Compensação de perdas: as perdas incorridas poderão ser compensadas com os ganhos auferidos, no próprio mês ou nos meses subsequentes, em outras operações realizadas nos mercados à vista,

de opções, futuro e a termo, exceto no caso de perdas em operações Day Trade, que somente serão compensadas com ganhos auferidos em operações da mesma espécie.

Isenção: ficam isentos do Imposto de Renda os ganhos líquidos auferidos por pessoas físicas quando o total das alienações de ações no mercado à vista de Bolsas de Valores não exceder R\$ 20 mil no mês, exceto (i) em operações Day Trade; (ii) negociação das cotas dos fundos de investimento em índice de ações; (iii) resgate de cotas de fundos ou clubes de investimento em ações; e (iv) alienação de ações efetivada em operações de exercício de opções e no vencimento ou liquidação antecipada de contratos a termo.

Dividendos: os dividendos pagos pelas companhias aos detentores de ações não são sujeitos ao Imposto de Renda.

Juros sobre o Capital: os juros pagos aos acionistas pelas companhias sofrem a incidência do Imposto de Renda na fonte à alíquota de 15%.

Day Trade

Alíquota de IRRF (IR retido na fonte): 1% aplicado sobre o resultado positivo apurado em operação Day Trade.

Alíquota de IR: 20% sobre o ganho líquido.

Recolhimento: de responsabilidade do investidor. Apurado em períodos mensais e pago até o último dia útil do mês subsequente ao da apuração via Darf (código Darf 6015).

Base de cálculo: é considerado rendimento o resultado positivo apurado no encerramento das operações Day Trade.

Compensação de perdas: será admitida a compensação de perdas incorridas em operações Day Trade para efeito da apuração da base de cálculo do Imposto de Renda. As perdas mensais incorridas em operações Day Trade somente poderão ser compensadas com os ganhos auferidos em operações de mesma espécie.

Isenção: não há.

Observações: na apuração do resultado da operação Day Trade serão considerados, pela ordem, o primeiro negócio de compra com o primeiro de venda ou o primeiro negócio de venda com o primeiro de compra, sucessivamente.

Na Declaração Anual de IR, os ganhos obtidos no mercado à vista, quando não ultrapassado o valor de R\$ 20 mil em vendas no mês – e, portanto, isentos –, deverão ser declarados na ficha “Rendimentos Isentos e Não Tributáveis”. Quando as vendas ultrapassarem R\$ 20 mil no mês, a declaração deve ser feita na aba “Renda Variável”, que também pode ser utilizada para declarar perdas a serem compensadas. O mesmo vale para ganhos em operações Day Trade.

Dividendos entram na ficha “Rendimentos Isentos e Não Tributáveis” e Juros sobre o Capital na ficha “Rendimentos Sujeitos à Tributação Exclusiva”.

Fundos Imobiliários (FIIs) negociados em Bolsa

Alíquota de IRRF (IR retido na fonte): 0,005% sobre o valor bruto de venda (operação comum) e 1% sobre o lucro (operação Day Trade).

Alíquota de IR sobre os rendimentos distribuídos: não há (incentivo válido para FII que tenha no mínimo cinquenta cotistas e para o investidor que detenha menos de 10% das cotas do FII).

Alíquota de IR sobre o ganho de capital na venda das cotas: 20% sobre o ganho líquido (para operação comum e Day Trade).

Recolhimento: de responsabilidade do investidor. Apurado em períodos mensais e pago até o último dia útil do mês subsequente ao da apuração via Darf (código Darf 6015).

Base de cálculo: resultado positivo entre o valor de alienação do ativo e o seu custo de aquisição, calculado pela média ponderada dos custos unitários auferidos nas operações realizadas em cada mês, admitindo-se, ainda, a dedução dos custos e despesas incorridos, necessários à realização das operações.

Compensação de perdas: as perdas incorridas poderão ser compensadas com os ganhos auferidos, no próprio mês ou nos meses subsequentes, em outras operações realizadas apenas com fundos imobiliários.

Isenção: não há.

Na Declaração Anual de IR, os rendimentos recebidos deverão ser declarados na ficha “Rendimentos Isentos e Não Tributáveis”.

Já os ganhos originados em vendas das cotas, sobre os quais o

Imposto de Renda deve ser recolhido, deverão ser declarados na aba “Renda Variável”, que também pode ser utilizada para declarar perdas a serem compensadas.

Em resumo

Na contratação de um plano de previdência é muito importante analisar friamente qual regime tributário é mais adequado ao seu perfil e objetivo, pois essa decisão poderá lhe beneficiar bastante, reduzindo a alíquota de Imposto de Renda a ser paga no resgate e aumentando o retorno de seu investimento.

E, para os investimentos em ações, é possível evitar o pagamento de IR em operações no mercado à vista, não ultrapassando o valor de R\$ 20 mil em vendas no mês.

Recomendo que você verifique se sua corretora disponibiliza calculadora de IR automática, o que poderá facilitar e muito o seu controle e recolhimento do IR em renda variável.

Como sabemos, se existe uma coisa que funciona e bem no Brasil é o controle da Receita Federal para arrecadação de impostos. Portanto, é importante seguir as normas estabelecidas para não cair na malha fina.

Declaração de Bens e Direitos

Para aqueles cujo preenchimento da Declaração Anual de Imposto de Renda é obrigatório, é preciso declarar todos os investimentos, mesmo os isentos de Imposto de Renda.

Na ficha “Bens e Direitos”, é preciso inserir a sua posição no último dia do ano anterior (por exemplo: em 31/12/2015). Mas não se preocupe, esses dados são informados pela instituição onde você aplica, no “informe de rendimentos”, de forma simples e fácil de entender e replicar na declaração.

Para ações e fundos imobiliários, é indicado informar cada um dos papéis que você tenha em carteira, com o custo de aquisição (quantidade x preço médio de aquisição), e não o valor atual.

Para chegar no preço médio de aquisição, é preciso somar o valor pago por ação ou cota de FII aos custos de operação (como corretagem e emolumentos). E, se você fez mais de uma compra do mesmo ativo com preços diferentes, deverá chegar a uma média ponderada do valor.

Por exemplo: Compra de duzentas ITUB4 a R\$ 28,00 (já considerando custos de operação) em 14/12/2015 e compra de cem ITUB4 a R\$ 29,00 em 21/12/2015.

O investidor deverá fazer o seguinte cálculo:

$$200 \times 28 = \text{R\$ } 5.600 \text{ (primeira compra)}$$

$$100 \times 29 = \text{R\$ } 2.900 \text{ (segunda compra)}$$

$$5.600 + 2.900 = \text{R\$ } 8.500 \text{ (soma das compras)}$$

$$8.500 / 300 = \text{R\$ } 28,33 \text{ (preço médio por ação das trezentas ações que possui)}$$

Dica: caso sua corretora não disponibilize o preço médio por ação, verifique as notas de corretagem para fazer o cálculo.

17. Conceitos básicos de economia e investimentos

Todos os dias estamos em direto contato com termos do universo da economia. Quando saímos para fazer compras precisamos entender de juros, de financiamentos e de inflação, por exemplo. Em casa, vemos na tevê os apresentadores do jornal comentarem sobre Copom, PIB, Selic e desemprego. Não há como fugir. E não é recomendável ignorar a economia. O conhecimento de alguns conceitos simples pode ajudá-lo a tomar decisões mais conscientes a partir de agora.

Por isso, para este capítulo final, selecionei os termos mais presentes nas dúvidas de leitores do Criando Riqueza. São conceitos simples, mas importantes para que qualquer pessoa possa começar a deixar de ser leiga em investimentos e em economia. Incluí também algumas modalidades de investimentos que o gerente do seu banco poderá lhe oferecer e que ainda não foram citadas em capítulos anteriores deste livro.

Juros

Os juros correspondem ao custo do dinheiro aplicado ou emprestado por um determinado período. Para estabelecer a taxa de juros, ou seja, o percentual sobre o valor emprestado, o credor define previamente as condições em contrato, com valores que variam conforme a inflação, o risco do empréstimo e a duração, dentre outros fatores. Definida pelo Banco Central, a taxa básica de juros, a Selic, serve de referência para os contratos de empréstimos no Brasil.

Política Monetária

A taxa básica de juros, a chamada Selic, é o principal instrumento da política monetária. É por meio de mudanças nessa taxa, que equilibra o mercado de reservas bancárias, que o Banco Central tenta controlar a inflação e, conseqüentemente, a atividade econômica.

Selic

É a taxa básica de juros no Brasil, definida pelo Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central. A Selic é a taxa de juros do mercado interbancário resultante de operações envolvendo títulos públicos (as operações envolvendo CDIs ocorrem da mesma forma, porém, com títulos privados).

CDI

Certificado de Depósito Interfinanceiro. A taxa DI é a taxa média dos juros que um banco cobra de outro banco no chamado “mercado interbancário”. É a referência para as aplicações financeiras conservadoras, também conhecida como taxa livre de risco. É o ativo de comparação (benchmark) para fundos, CDBs (Certificados de Depósito Bancário) e outros títulos de renda fixa.

Inadimplência

A inadimplência é o não cumprimento de uma obrigação. Ela é constatada quando uma pessoa ou uma empresa não faz o pagamento de uma obrigação financeira até a data de vencimento acertada. Em um período de crise como o vivido pelo Brasil no momento, em que a inflação e os juros estão em um patamar elevado e a taxa de desemprego tem aumentado, é esperado que o nível de inadimplência cresça, o que reforça a importância de um controle financeiro.

Taxa de desemprego

A taxa de desemprego é calculada de um jeito simples: é o número de pessoas que estão sem emprego e querem trabalhar dividido pelo número de pessoas que têm idade e estão aptas a trabalhar.

Empréstimo

Obter um empréstimo de uma instituição financeira significa receber, no presente, recursos financeiros a serem pagos no futuro, com a devida correção monetária. Os termos de cada empréstimo concedido variam conforme o perfil do tomador e da instituição, com taxas de juros, encargos e forma de pagamento estabelecidos no contrato.

Amortização

Amortização é o pagamento do principal em uma dívida, que efetivamente irá reduzi-la. No valor total de uma prestação, por exemplo, parte é destinada para amortizar (ou reduzir) a dívida e outra para o pagamento de juros e outros encargos (despesas financeiras).

PIB

O Produto Interno Bruto é a soma de todos os serviços e bens produzidos num período (como mês, semestre, ano) numa determinada região. O PIB é expresso em valores monetários, ou seja, no Brasil, é expresso em reais. No cálculo do PIB não são considerados os insumos de produção (matérias-primas, mão de obra, impostos e energia).

Fórmula para o cálculo do PIB

$$\text{PIB} = C + I + G + X - M$$

Sendo: C = Consumo privado (despesa das famílias em bens e serviços, com exceção da compra de novas moradias)

I = Investimentos totais feitos na região (soma das compras de bens de capital, estoques e estruturas, o que inclui a compra de novos imóveis residenciais)

G = Gastos dos governos (gastos em bens e serviços pelos governos municipais, estaduais e federal)

X - M = Exportações - Importações, ou Exportações líquidas (bens e serviços produzidos no exterior são excluídos da conta, pois já estão presentes nos itens Consumo, Investimentos e Gastos dos governos)

Política fiscal

A política fiscal reflete o conjunto de medidas pelas quais o governo arrecada receitas e realiza despesas de modo a cumprir três funções: a estabilização macroeconômica, a redistribuição da renda e a alocação de recursos.

Inflação

A taxa de inflação é a variação percentual de custo de um produto em

relação a um período anterior. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo, conhecido pela sigla IPCA, é o indicador oficial da inflação brasileira mais utilizado como referência. Ele mede a inflação de um conjunto de produtos e serviços comercializados no varejo, os quais se referem ao consumo pessoal das famílias com rendimento entre um e quarenta salários mínimos.

Renda Fixa

Aplicação na qual as condições de rentabilidade são determinadas no momento do investimento. Nela, você compra títulos de bancos, empresas ou do governo e recebe um retorno equivalente ao valor aplicado acrescido de juros pelo período em que o dinheiro ficar investido.

IOF

É a sigla para Imposto sobre Operações de Crédito, Câmbio e Seguros ou Relativas a Títulos ou Valores Mobiliários. Trata-se de um imposto federal cobrado nas operações financeiras de crédito, de câmbio, de seguro e de títulos e valores imobiliários.

Títulos prefixados x pós-fixados

Prefixados – os rendimentos conhecidos com antecedência. Se você compra no Tesouro Direto, por exemplo, um papel do tipo Tesouro Prefixado (LTN), você sabe exatamente a rentabilidade que vai receber se mantiver o título até a data de vencimento. Pós-fixados – o retorno é definido apenas no momento do resgate, pois o valor dos títulos é corrigido por um indexador, como Depósito Interfinanceiro (DI), Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), Índice Geral de Preços (IGP) e Taxa Referencial (TR).

Tesouro Direto

Criado em 2002, o Tesouro Direto é um programa do Tesouro Nacional desenvolvido em parceria com a BMF&FBovespa que permite a qualquer cidadão brasileiro comprar e vender títulos públicos por meio da internet. O investimento, de renda fixa, tem vencimento e metodologia de rendimento claramente definidos, o que traz segu-

rança aos investidores. É possível aproveitar as vantagens dos títulos públicos nas modalidades Tesouro Selic (LFT), Tesouro IPCA+ (NTN-B e NTN-B Principal) e Tesouro Prefixado (LTN e NTN-F). Você pode vender seu título diariamente e está sujeito à tabela regressiva do Imposto de Renda, com tributação dos rendimentos entre 22,5% e 15%, conforme o prazo do investimento.

LCI e LCA

As LCIs (Letras de Crédito Imobiliário) e as LCAs (Letras de Crédito do Agronegócio) são títulos de renda fixa com isenção de Imposto de Renda e com garantia do Fundo Garantidor de Créditos (FGC). Emitidas por bancos para financiar participantes do setor imobiliário e da cadeia do agronegócio, as letras de crédito têm rendimentos em geral pós-fixados, expressos por um percentual do CDI, prazos definidos no momento da contratação e prazos mínimos de resgate de noventa dias.

CDB

Emitidos pelos bancos, os Certificados de Depósitos Bancários (CDBs) são títulos de renda fixa voltados para o financiamento de suas atividades de crédito. Quando um investidor compra um CDB, está fazendo um empréstimo para a instituição bancária e recebendo uma remuneração por isso. No momento da aquisição, o investidor sabe de antemão o prazo e as condições do rendimento – se será prefixado ou pós-fixado. Com cobertura do Fundo Garantidor de Créditos (FGC), nem todos os CDBs oferecem liquidez diária. O Imposto de Renda, aplicado na hora do resgate ou do vencimento do CDB, segue tabela regressiva.

Bolha imobiliária

O termo “bolha imobiliária” entrou no radar principalmente com a crise financeira iniciada nos EUA em 2007 e se refere à escalada exorbitante dos preços dos imóveis. Especulação imobiliária, concessão de crédito de maneira desmedida e consequente poder de compra ilusório, além de questões estruturais, como correção dos preços da construção civil e dos terrenos, estão entre as causas de uma bolha imobiliária.

Poupança

A caderneta de poupança é uma aplicação de baixo risco e fácil investimento. Com viés conservador, essa modalidade de aplicação oferece isenção de Imposto de Renda, proteção do Fundo Garantidor de Créditos (FGC) e liquidez diária, sem necessidade de agendamento prévio para resgates. A poupança conta com a taxa referencial, a chamada TR, como remuneração básica, acrescida de 0,5% ao mês quando a taxa Selic superar 8,5% ao ano. Quando a Selic for inferior a 85% ao ano, a remuneração será de 70% dessa taxa.

Previdência

Os planos de previdência privada são uma forma de acumulação de recursos com o objetivo de complementar a previdência social, aquela referente ao benefício pago pelo INSS aos trabalhadores. Também chamada de complementar, é um investimento associado à aposentadoria no qual você pode contribuir periodicamente por um determinado período e formar uma reserva financeira que vai proporcionar uma renda no futuro. O formato pode ser aberto ou fechado. A previdência fechada, representada pelas entidades conhecidas como fundos de pensão, consiste em planos criados por empresas ou associações e oferecidos apenas a seus funcionários ou associados, que em geral englobam uma contrapartida do empregador aos aportes dos contribuintes. Já na previdência aberta, qualquer pessoa física ou jurídica pode adquirir os planos, oferecidos nas modalidades PGBL e VGBL, comercializados por bancos e seguradoras.

PGBL

O Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL) é um plano de previdência complementar que permite abater da base de cálculo do Imposto de Renda os aportes realizados anualmente até um limite de 12% da renda bruta tributável do investidor. Há incidência de IR sobre o saldo total do plano (valor investido e rendimentos) no momento do resgate. Ele é indicado para quem faz a declaração completa do IR.

VGBL

O Vida Gerador de Benefícios Livre (VGBL) é outra modalidade de plano de previdência. Nele, a incidência do Imposto de Renda ocorre apenas sobre os rendimentos e é proporcional à quantia resgatada. Sem permitir a dedução dos aportes no IR, é recomendado para quem faz a declaração simplificada.

IRPF

O Imposto sobre a Renda da Pessoa Física (IRPF) é uma cobrança nacional anual que incide sobre a renda e os proventos de contribuintes residentes no Brasil ou no exterior que recebem rendimentos de fontes no Brasil. Todo ano, os contribuintes são obrigados a prestar informações por meio da Declaração de Ajuste Anual (DIRPF), na qual a Receita Federal apura possíveis débitos ou créditos (com pagamento ou restituição de imposto). O IRPF tem alíquota variável e proporcional à renda tributável (tabela progressiva).

Ouro

O ouro é a mais clássica reserva de valor. Tido como um porto seguro nos momentos de crise e pressão inflacionária, tem entre suas características principais a escassez (não há uma quantidade ilimitada no mundo), a fácil divisão e a perenidade. No Brasil, é possível investir no metal por meio da compra do ouro físico (em barras), de contratos na BM&FBovespa ou via fundos de investimento. Fique atento apenas aos riscos do investimento: grande volatilidade e, no caso do ouro físico, segurança para a custódia.

Dólar

A moeda americana é um investimento de risco que exige bastante cautela. O investidor pessoa física deve usar a aplicação em dólar como uma proteção cambial para programar gastos atrelados à moeda, como em viagens e cursos no exterior ou mesmo para importar produtos. Para quem deseja investir direta ou indiretamente na divisa, há opções de fundos cambiais, minicontratos e instrumentos

que captam a variação do dólar, como BDRs (recibos de ações de empresas estrangeiras negociados no Brasil).

Taxa de câmbio

A taxa de câmbio é o preço de uma moeda estrangeira medido em unidades ou frações (centavos) da moeda nacional. No Brasil, a moeda estrangeira mais negociada é o dólar americano. Quando dizemos, por exemplo, que a taxa de câmbio é 1,50, significa que um dólar dos Estados Unidos custa R\$ 1,50.

Ações

Comprar uma ação significa virar sócio de uma empresa. Com preços e liquidez que variam conforme a companhia escolhida, o investimento no mercado acionário exige a disposição de correr o risco de ver seu ativo oscilar de preço a cada segundo. O baixo valor necessário para iniciar a aplicação e os dividendos distribuídos periodicamente, que são dispensados do pagamento de Imposto de Renda, estão entre os atrativos desse mercado, que conta com diversas possibilidades de operação que vão além da pura compra e venda dos papéis.

Fundo Garantidor de Créditos (FGC)

O FGC é uma entidade privada, sem fins lucrativos, que tem como objetivo inicial dar assistência ao sistema bancário. É como uma associação dos bancos e recebe todos os meses um pagamento de seus associados para proteger seus depositantes, conferindo maior segurança ao setor. Qualquer instituição financeira que emite produtos garantidos pelo FGC paga um percentual dos depósitos.

Além de proteger os depositantes e investidores, o Fundo Garantidor de Créditos também dá assistência financeira aos bancos que precisam de caixa.

As aplicações mais populares garantidas pelo FGC são a poupança, o CDB, o dinheiro depositado na conta-corrente e as Letras de Crédito Imobiliário (LCI) e Letras de Crédito do Agronegócio (LCA), que são títulos privados lastreados em crédito do mercado imobiliário e do mercado agrícola, respectivamente.

Fundos de Investimento

Um fundo de investimento é um condomínio que reúne recursos de um conjunto de investidores (chamados cotistas) com o objetivo de obter ganhos financeiros a partir da aquisição de uma carteira de títulos ou valores mobiliários.

Ao comprar cotas de um fundo, o investidor delega a um terceiro a gestão do portfólio de investimentos, dando-lhe a incumbência de gerir seu dinheiro. E paga por isso uma taxa de administração.

Brazilian Depositary Receipts (BDRs)

BDR é o “apelido” dos Brazilian Depositary Receipts, recibos de ações de empresas estrangeiras (praticamente hoje só americanas) negociados no Brasil. É um instrumento que se equipara a um ativo internacional, porém, com o diferencial de ser transacionado no Brasil. Se você quer comprar uma ação da Apple, por exemplo, mas não pretende investir via Estados Unidos, tem a opção de comprar um BDR da companhia americana aqui no Brasil e negociá-lo na Bovespa. Existem dois programas em vigor: os patrocinados e os não patrocinados. No primeiro caso, o interesse em ter BDRs negociados por aqui parte das próprias empresas. Já no grupo dos não patrocinados – foco principal desse nosso texto – são as instituições financeiras (Bradesco, Citi, Deutsche Bank e Itaú Unibanco) que lançam a negociação dos BDRs no Brasil sem ter nenhum vínculo formal com as companhias selecionadas.

Essas instituições financeiras assumem uma série de responsabilidades com o mercado e precisam informar fatos relevantes e comunicações das companhias aos investidores; editais de convocação de assembleias; avisos aos acionistas; deliberações das assembleias de acionistas e das reuniões do conselho de administração e demonstrações financeiras da companhia, dentre outros. Vale lembrar que as informações estão em inglês.

Certificado de Operações Estruturadas (COE)

O COE é um ativo relativamente novo no Brasil, mas já virou moda entre os produtos ofertados por bancos e corretoras. É um instru-

mento financeiro inovador e flexível, que mescla elementos de renda fixa e renda variável. Tem como diferencial o fato de ser estruturado com base em cenários de ganhos e perdas construídos de acordo com o perfil de cada investidor. Para o investidor, fica mais fácil acompanhar o desempenho, pois o COE já vem montado como um único instrumento, o que significa também uma única tributação (Imposto de Renda é cobrado sobre o lucro, conforme o prazo da aplicação, semelhante ao aplicado nos títulos de renda fixa). Os custos possivelmente seriam maiores caso você direcionasse seus recursos a vários ativos separadamente. Quem emite os COEs são bancos, mas eles são registrados na Cetip, que está autorizada e preparada para fazer também o depósito e a liquidação do COE.

O COE tem vencimento, valor mínimo de aporte, indexador e cenário de ganhos. Pode ser atrelado às seguintes classes de ativo subjacente: Ações Nacionais, Ações Internacionais, Índices, Índices Internacionais, Commodities e Taxas de Câmbio. Ao emitir um COE, o banco deve observar as regras de suitability, ou seja, fazer uma análise do “apetite” ao risco de cada cliente e checar se é adequado ao seu perfil e ao seu entendimento.

O COE pode ser da modalidade “Valor Nominal Protegido” (com garantia do valor principal investido) ou da modalidade “Valor Nominal em Risco” (quando há possibilidade de perda até o limite do capital investido). O primeiro caso é indicado para investidores mais conservadores, pois tem a possibilidade de acessar mercados com maior risco e alcançar uma remuneração diferenciada, com garantia do valor principal investido. Na segunda modalidade, investidores mais arrojados têm a oportunidade de investir em operações com algum grau de risco, porém, com estratégias e cenários mais nítidos, que teriam dificuldade de construir sozinhos.

Franquia

As franquias são empresas que agem em rede e seguem condições preestabelecidas em contrato. O modelo de negócio envolve a distribuição de serviços e produtos e um comum acordo entre franqueadores e franqueados. Os primeiros oferecem seu modelo de ne-

gócios e ganham royalties dos parceiros, enquanto os franqueados aderem à rede e investem recursos em sua própria unidade.

Startup

O conceito das chamadas startups se refere a empresas iniciantes, originalmente de base tecnológica. Elas têm um modelo de negócios baseado na resolução de problemas do consumidor, com um foco específico, e são altamente escaláveis, apresentado grande potencial de crescimento. Por ter como característica um desenvolvimento rápido, as startups precisam de constantes injeções de capital, de investidores que apostam em um negócio com grande nível de mortalidade, mas também com alto potencial de lucro.

Planejamento estratégico

Trata-se de um processo gerencial no qual são estabelecidos objetivos e planos de ação. No planejamento, são elaboradas estratégias que levam em conta as condições internas e externas da empresa, assim como a situação econômica do País. Fazer um planejamento é essencial para o sucesso e a perenidade dos negócios.

Referências bibliográficas

- Ferreira, Vera Rita de Mello. *Psicologia econômica: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- Ford, Mark. *11 segredos para a construção de riqueza*. São Paulo: Empiricus Research, 2016.
- Fortuna, Eduardo. *Mercado financeiro: produtos e serviços*. 18ª edição. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2011.
- Hanson, Jon. *Dívida boa, dívida ruim*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.
- Kahneman, Daniel. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- Mankiw, N. Gregory. *Introdução à economia*. 5ª edição. São Paulo: Cengage, 2010.
- Anbima. Disponível em: <portal.anbima.com.br/Pages/home.aspx>.
- Banco do Brasil. Disponível em: <www.bb.gov.br>.
- Banco Central do Brasil. Disponível em: <www.bcb.gov.br>.
- Cetip. Disponível em: <www.cetip.com.br>.
- Fundo Garantidor de Créditos (FGC). Disponível em: <www.fgc.org.br>.
- Tesouro Nacional. Disponível em: <www.tesouro.fazenda.gov.br>.

tipografia Silva Text
papel Pólen Soft 80 g/m²
impressão JC Print
tiragem 10.000

“Este livro aponta e analisa, de modo direto, inúmeras armadilhas, tanto aquelas com as quais o cidadão pode se deparar no mundo das finanças como as internas, de caráter psicológico, que podem, da mesma forma, comprometer suas escolhas.” Vera Rita de Mello Ferreira, psicanalista, autora de *Psicologia econômica: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão*

“Estive com a Olivia recentemente e fiquei feliz de saber que parte de seus esforços seriam transformados em livro. Estou no ramo de publicações financeiras há mais de trinta anos e vejo aqui um trabalho de incontestável responsabilidade. Este guia seguramente fará diferença em sua vida.” Mark Ford, empresário e investidor, autor do best-seller *Ready, Fire, Aim*

“Vejo na Olivia a reunião de precisão analítica, conhecimento profundo de finanças, didática sem precedentes e escrita perfeita. Ela pode mudar sua forma de lidar com dinheiro. Não conheço uma única outra pessoa com essa competência.” Felipe Miranda, estrategista-chefe da Empiricus Research, autor do best-seller *O fim do Brasil*



Olivia Alonso é apaixonada por economia. Formada em jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero, fez MBA em Mercado de Capitais na FIA, depois de ter estudado economia na FEA-USP e na Universidade de Macau, na China. Trabalhou com jornalismo econômico por treze anos e atualmente dirige o Criando Riqueza, empresa independente de orientação financeira e de publicações de investimentos e finanças pessoais.